



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

BRUNO ANTÓNIO LOUREIRO ALMEIDA LOPES

**O contributo do venerável Dom João de Oliveira Matos
na renovação da Diocese da Guarda**

Trabalho Final

sob orientação de:

Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

sob coorientação de:

Dom António Manuel Moiteiro Ramos

Braga

2017

RESUMO: O presente trabalho tem como finalidade desenvolver e reconhecer o trabalho feito por Dom João de Oliveira Matos, na Diocese da Guarda. Dom João foi um homem que, desde muito cedo, reconheceu que os leigos têm papel fulcral para a evangelização. Com este trabalho pretendemos reconhecer que o seu papel foi e continua a ser importante, através das obras de caridade, desenvolvidas pela Liga dos Servos de Jesus, por ele fundada.

PALAVRAS-CHAVE: Dom João de Oliveira Matos; Liga dos Servos de Jesus; Leigos.

ABSTRACT: The goal of this paper is to recognize the work done by Dom João de Oliveira Matos, in the diocese of Guarda. Dom Joao was a man who, from a very early age, recognized that the laity have a central role in evangelization. With this paper we intend to recognize that its role was and continues to be important, through the works of charity, developed by the League of Servants of Jesus, founded by him.

KEYWORDS: Dom João de Oliveira Matos; League of the Servants of Jesus; Lay people.

Introdução

Dom João de Oliveira Matos foi, é e continuará a ser sinal de renovação da Diocese da Guarda, na qual nasceu, cresceu e percorreu o caminho de santidade que a muitos motivou, cativou e apaixonou por Jesus Cristo.

Historicamente, encontramos-lo no início do século XX, onde o mundo sofre diversas transformações: dá-se a primeira guerra mundial e poucos anos depois a segunda, as quais contribuem para um clima de hostilidade e revolta. Eclesialmente, situamo-nos entre os Concílios Vaticano I e Vaticano II, em que a Igreja está fechada sobre si mesma, com ideias e diretrizes um tanto quanto fechadas e ambíguas, o que o Concílio Vaticano II vai desmontar, é que, 50 anos depois deste, em Portugal, muito está por ser posto em prática.

Toda a renovação é fruto de um caminho já feito, neste sentido a renovação que se opera no início do século XX, teve o seu começo já nos finais do século XIX, onde se delineavam já renovações bíblicas, patrísticas e litúrgicas. Pio X, surge com a preocupação pastoral e com o objetivo de renovar a Igreja, com ele muitos teólogos entram em ação e querem levar a cabo esta missão renovadora da Igreja, para tal, estes, buscam o contacto mais íntimo com a Palavra de Deus e adotam a renovação do pensamento cristão para melhor se abeirarem das exigências do mundo moderno. Não foi tarefa fácil, pois estava bem patente o modernismo que acarretava consigo os erros do agnosticismo e do imanentismo, nos quais se elimina o carácter sobrenatural e transcendental da fé. Destacou-se também nesta renovação o papa Leão XIII, que para além de impulsionar esta renovação, vai as origens, isto é, retoma o pensamento tomista no sentido de avaliar o que foi, como foi e o que pode renovar¹.

Entre as duas guerras mundiais, destacam-se teologicamente aspetos positivos e pastoralmente aspetos negativos com a dificuldade inerente da evangelização. Teologicamente, com já anteriormente era pretendido, retomou-se a Palavra de Deus como

¹ Cf. C. FLORISTAN, *Teología Práctica*, 103.

meio essencial, aplicou-se uma liturgia mais autêntica e despertou-se a consciência da comunidade para a vivência eclesial e ecumênica. Por sua vez, a nível pastoral surgem bastantes dificuldades, com a industrialização e secularização; cada vez mais as pessoas estão isoladas e afastadas da comunidade, formam assim pequenas comunidades e despertam o espírito missionário, a necessidade de estar em “saída”, de “ir as periferias”².

Perante isto, destaca-se o grande contributo do teólogo J. A. Möhler, através das diretrizes que impulsionaram a renovação do trabalho pastoral da Igreja, após o seu estudo na universidade de Tubinga, do qual destacou a vida como conceito fundamental, a sua dependência do Espírito e a sua relação com o Verbo Encarnado. É certo que esta forma de ver animou a teologia pastoral e lhe deu novo vigor, ainda que este só se viesse a notar passado algum tempo. Neste sentido, surgiram duas orientações eclesiológicas que influenciaram a teologia pastoral: uma de orientação bíblico-teológica, em que o pastor tem de ser o garante da fé do povo que lhe está confiado, bebendo ele da Sagrada Escritura para que a possa transmitir fielmente; outra orientação é a eclesiológica de A. Graf, a qual refere a centralidade da Igreja e o seu conceito de teologia como autoconhecimento da mesma Igreja³.

Nesta época estão presentes os manuais como garantes e transmissores da obra salvadora que Jesus Cristo veio inaugurar e confiar à Igreja e aos sacerdotes. Eram bem claros face a obra de Jesus e à continuidade que os sacerdotes lhe deviam dar. Os sacerdotes têm de ser o sinal vivo de Cristo, tem de ser *alter Christus*, e agir como tal *in persona Christi*, na sua *tria numerata* profeta, sacerdote e rei, e ainda com a tríplice missão de ensinar, governar e santificar. Se assim agissem, eram realmente *cura animarum* na realização da tarefa que lhes foi confiada, entendida desde a visão antropológica de tipo dualista e individual⁴.

² Cf. *Ibidem*, 104.

³ Cf. J. RAMOS, *Teología Pastoral*, 36.

⁴ Cf. *Ibidem*, 39.

Com o avançar do tempo, com a renovação industrial e com a secularização, surgiram novas dificuldades e começou a ser notório que os manuais de pastoral não eram suficientes, isto porque surgiram numa época e numa situação concreta e perdiam a sua validade. Sente-se a necessidade de estar atento aos sinais dos tempos, de estar aberto a sociedade e ao diálogo com os problemas de então. Isto, porém, não vai acontecer, porque o Concílio Vaticano I estava enraizado na eclesiologia tridentina e pouco enraizado nas diretrizes da universidade de Tubinga, criando o clima fechado e de isolamento onde o espaço a criatividade não teve lugar, e por isso, nos anos posteriores ainda se recorreu aos manuais.

Posteriormente, entre a primeira e a segunda guerra mundial, a Igreja sente-se profundamente abalada, e com este abalo é também ela obrigada a renovar-se, sendo que a renovação tem o seu grande impacto a nível pastoral e eclesiológico. A nível pastoral vão-se dar conta da insuficiência dos manuais, e da sua desatualização perante os problemas urgentes da sociedade, pois, estes já não correspondem a linguagem de então, nem a consciência que a Igreja tem de si mesma. A sociedade mudou e com ela mudaram as mentalidades que buscaram renovação na área dos estudos bíblicos e patrísticos, bem como o diálogo com as outras religiões. É perante estas situações que a teologia pastoral reconhece que tem de mudar de rumo e assentar em novos princípios que vão de encontro à sociedade de então. É por isso, que se abandonam os manuais e se buscam os problemas concretos, numa linha de diálogo e de contacto verdadeiro com a realidade. Fundam-se também institutos de pastoral com o intuito de esclarecer e dar resposta aos problemas da sociedade. A nível eclesiológico surgem também algumas linhas mestras com o objetivo de promover a universalidade da Igreja, isto é, surge a reflexão sobre o corpo místico do qual Cristo é a cabeça e a comunidade o corpo, bem como a necessidade do apostolado dos leigos⁵.

⁵ Cf. *Ibidem*, 43.

De forma concreta em Portugal, nos finais do século XIX e nos inícios do século XX, foram demasiados os acontecimentos entre a Igreja e o Estado, que desencadearam situações de afastamento de ambos. Com a morte do Rei João VI, Portugal fica desprotegido pois os herdeiros deste falecido eram seu sucessores e não estavam de boas relações, logo se instaurou um clima de precariedade e nas desavenças entre Dom Pedro e Dom Miguel quem sofreu foi a Igreja, com a prisão dos sacerdotes e dos bispos, bem como, com o confisco dos bens da Igreja para o Estado e a abolição dos conventos masculinos. Com Dona Maria no trono foram novamente restabelecidas as relações com a Santa Sé, ainda que por pouco tempo, uma vez que esta apenas esteve treze anos no poder, retomando depois os anticlericais⁶.

No início do século XX, a situação estava melhor na relação Igreja-Estado, mas com o assassinato do Rei Dom Carlos em fevereiro de 1908, e com a expulsão do seu sucessor Dom Manuel II em 1910 com a Implantação da República, o Estado fica mais forte e com diretrizes que não estão de acordo com as diretrizes da Igreja. É neste sentido que no dia 20 de abril de 1911, surge o decreto declarando lei da separação entre Igreja e Estado⁷. Perante isto, o Estado expulsou as ordens religiosas e ainda nacionalizou muitos dos bens pertencentes a Igreja.

Foi a 5 de outubro de 1910, que se deu a queda da monarquia e sucessivamente a instauração da República, o que se esperava já, ainda que não se soubesse quando e como seria. O liberalismo sempre esteve presente na sociedade moderna, ao longo de mais um século, e ainda que não se possa definir ao certo quando o seu surgimento, reconhece-se que muito do desenvolvimento e do progresso é por ele marcado. Este movimento era pautado claramente pela liberdade, pelo progresso e pela igualdade, excluindo o despotismo, a tirania,

⁶ Cf. L. HERTLING, *História de la Iglesia*, 433.

⁷ Cf. H. JEDIN, *Manual de história de la Iglesia*, 202.

a escravatura e os privilégios⁸. Portugal era então um país pobre, que vivia sobretudo da agricultura e no meio rural, ainda que o fator emigração já estivesse bem patente na busca de melhores condições.

É neste clima, nesta sociedade e neste ambiente espiritual que vai ter grande importância a figura do servo de Deus Dom João de Oliveira Matos. Da sua vida destaca-se uma entrega plena e fiel ao evangelho, ao seu anúncio e à sua vivência cristã quer individual quer comunitária. Com linhas mestras bem definidas, soube ler o sinal dos tempos e ultrapassar assim as grandes dificuldades em que se encontrava a Igreja, no tempo da implantação da República.

Fundou uma obra de caridade, bem conhecida por toda a diocese da Guarda, a Liga dos Servos de Jesus que mais do que uma instituição ou associação, é um ponto de apoio da atividade socio-caritativa da Igreja bem expressiva do que se pretendia renovar na Diocese. Esta associação de leigos com o seu fundador, tem por objetivos a santificação pessoal e a santificação de todos os que andam mais afastados de Deus.

Com o presente trabalho não se pretende elogiar de forma altiva Dom João de Oliveira Matos, mas sim reconhecer na sua vida o marco importante para a renovação da Diocese da Guarda com todo o trabalho por ele desenvolvido quer em vida quer mesmo depois da sua morte.

Assim, o trabalho consta de três partes, nas quais estão integrados os sete capítulos sendo que notoriamente o quarto é referente a trabalho de campo, na necessidade de ser fiel ao conjunto das casa e ao trabalho por elas desenvolvido.

O primeiro capítulo é fundamental para se poder compreender todo o trabalho. A sua vida desde o nascimento até a partida para junto de Deus Pai é de uma riqueza enorme e

⁸ Cf. H. SANTOS, *A recepção do concílio Vaticano II na Diocese da Guarda*, 23.

denota-se claramente em tudo o que faz a correspondência ao serviço e a construção do Reino. Soube acolher na sua vida o amor de Deus e viver o convite de Pedro, “cada um de vós ponha ao serviço dos outros os dons que recebeu, como bons administradores da Graça de Deus, tão variada nas suas formas” (1Pe 4, 10).

Sem dúvida que, Dom João de Oliveira Matos soube pôr ao serviço dos outros todos os dons e por isso o vemos a concretizar o sonho de fundar na Diocese a Liga dos Servos de Jesus, a fim de transpor para os tempos modernos o fervor eucarístico e afastar o demónio das nossas aldeias, vilas e cidades. Do seu temperamento destacam-se as virtudes da humildade, da caridade, da obediência e da doçura com que a todos acolhia na sua vida.

Salienta-se também que a sua vontade era levar a todos os cantos da diocese, e além mar, o evangelho, e se as pessoas não se abeiravam dele este chegava-lhes através da imprensa, dos jornais e dos boletins.

É uma figura importante, foi percussor da santidade na Diocese da Guarda e continua a ser sinal vivo através das comunidades da Liga no serviço social e caritativo por elas desempenhado. A sua vida é desafiante e cativante, não só para os sacerdotes que em tudo se devem aperfeiçoar, mas também para os leigos que reconhecem nele esta fonte de alegria de felicidade e de amor que jorra para a vida eterna.

I PARTE

**VIDA E PERFIL ESPIRITUAL DE
DOM JOÃO DE OLIVEIRA MATOS**

1. Vida

Decorria o ano da graça de 1879, quando na Cova da Beira, entre a serra da Gardunha e a serra da Estrela, mais propriamente na pequena aldeia de Valverde, no seio de uma família humilde e trabalhadora, a 1 de março nasceu João de Oliveira Matos Ferreira. Seu pai, António de Oliveira Matos, natural de Valverde e sua mãe, Ana Cândida Natividade Ferreira Matos, natural de Alcaria. Não era o mais velho nem o mais novo de entre os seus irmãos, e foi batizado a 8 de março pelas mãos do vigário Pe. João dos Santos Ramalho⁹ na Igreja paroquial de São Miguel de Valverde.

O seu pai inicialmente era agricultor, o mais típico de um homem de aldeia, porém com o aumento da família e, consecutivamente, o aumento das despesas teve de mudar de rumo. De agricultor passa a professor primário na escola das Donas, que distanciava três quilómetros de Valverde; ainda assim, o salário não chegava para as despesas da família e novamente tem de mudar de direção. Concorreu a apontador de primeira classe nas obras públicas¹⁰, o que depois lhe trouxe alguns imprevistos, que o obrigou mais tarde a vender certas terras em Valverde. Depois de uma vida dedicada ao trabalho e ao sustento da família acabou por falecer com 79 anos em Aldeia de Joanes. A sua mãe, sempre pronta e fiel no seu trabalho de educadora, acabou por falecer com 81 anos e foi depois sepultada na sua terra natal, Alcaria.

João de Oliveira Matos fez a sua instrução primária na escola das Donas, onde seu pai dava aulas, depois prosseguiu e passou a estudar na escola camarária do Fundão, isto após ter feito os exames no Liceu de Castelo Branco.

⁹ Cf. J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 3.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, 5.

Terminada esta etapa, o jovem que já na escola se diferenciava dos outros, face à sua formação religiosa, decide entrar para o Seminário da Guarda¹¹ em 1896, tendo nesta altura 17 anos. Foi então que remeteu para o Sr. Bispo uma carta¹² a pedir a sua admissão no Seminário, evidenciando as dificuldades de ordem económica da família, que se faziam sentir e demonstrando também a íntima vocação em seguir a vocação sacerdotal.

Antes de entrar no curso de teologia foi submetido aos exames de filosofia, matemática, literatura portuguesa e língua latina, sendo que, uma vez concluídos com êxito, o vemos a frequentar o primeiro ano de teologia em 1896. Novamente se pode constar, pelo livro de faltas, que era cumpridor, pois nos anos de seminário as suas faltas as aulas contam-se pelos dedos.

Chegou ao final do curso de teologia em 1899 e não pode ser ordenado uma vez que era muito jovem. Deslocou-se então para o Fundão, onde lecionou francês, português, geografia e matemática para o sustento da família, e também foi aí que mais tarde lançou o jornal “A Verdade”¹³.

No dia 25 de Março de 1899, festa da Anunciação de Nossa Senhora, recebeu a primeira-tonsura e pouco depois as ordens menores. A 27 de julho de 1902 recebeu o subdiaconado pelas mãos de D. Tomás Gomes de Almeida, o bispo do seu tempo do seminário, e a 20 de setembro desse mesmo ano recebeu o diaconado.

Estava já tudo preparado para ser ordenado sacerdote a 28 de março de 1903 na Diocese da Guarda, mas tal não foi possível porque, entretanto, falecera D. Tomás Gomes Almeida. Por esta razão, foi ordenado como previsto no mesmo dia, mas na capela do paço episcopal de Viseu por D. José Dias de Carvalho.

¹¹ Na altura conhecido como o Seminário de D. Nuno Noronha, o seminário tridentino, construído em 1601.

¹² A carta a D. Tomás Gomes de Almeida remete-nos para o dia 19 de agosto de 1896. Cf. J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 26.

¹³ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 28.

Uma vez ordenado, preparou a sua missa nova que decorreu no dia 3 de abril de 1903, na Igreja do Fundão. Decorreu sem grandes adornos, com grande simplicidade e com a presença dos seus familiares mais próximos, o que demonstra a sua humildade. Porém, como a Diocese ainda se encontrava em sede vacante o neo-presbítero manteve-se pelo Fundão, até que novas ordens lhe fossem dadas.

No dia 4 de junho de 1903 tomou posse da Diocese o novo bispo, D. Manuel Vieira de Matos. Foi o novo bispo que nomeou o neo-presbítero João de Oliveira Matos capelão do Colégio do Imaculado Coração de Maria na Covilhã e, dois meses depois, foi também nomeado coadjutor do pároco de Santa Maria da mesma cidade. Nesta nova missão começou a dar a medida exata das suas possibilidades, trabalhando sobretudo com a classe operária, com quem fundou o primeiro Circulo de Operários¹⁴ para defender os interesses dos trabalhadores.

Grande e notório foi o trabalho realizado na Covilhã pelas mãos do Pe. João de Oliveira Matos. Até à chegada do bispo Manuel Vieira de Matos não havia seminário menor. Um dos primeiros objetivos de D. Manuel foi criar um seminário interno, com vista a uma melhor formação religiosa e académica. Foi assim que surgiu o seminário de Nossa Senhora do Rosário para os primeiros anos de Preparatórios, numa propriedade da Diocese, denominada Quinta da Mitra, no limite de Cavadoude, à beira do rio Mondego.

Passado praticamente um ano após chegar à Covilhã, foi chamado a fazer parte da equipa formadora do Seminário do Mondego que iniciou funções no dia 9 de outubro de 1904. Aí o Pe. João de Oliveira Matos foi prefeito e professor, entusiasta em mostrar os talentos dos seminaristas quer no teatro quer na música¹⁵.

¹⁴ Cf. *Ibidem*, 31.

¹⁵ Cf. *Ibidem*, 45.

Era um professor de qualidades invulgares e entre os processos a que o corpo docente recorria para valorizar os alunos, destacava-se a Academia¹⁶, em que os jovens de apenas onze anos se esforçavam por transmitir o que verdadeiramente sentiam e viviam no seminário. Os seminaristas expressavam-se em conferências, o que os ajudou a inserirem-se no mundo de forma muito superior, isto porque já no seminário lidavam nas suas palestras com as críticas daqueles que com eles conviviam diariamente.

Os relatos que possuímos da época mostram-nos o Pe. João de Oliveira Matos profundamente empenhado na obra educadora dos seminaristas, sempre a seu lado, irmanando-se a eles, ao mesmo tempo que profundamente solidarizado com os colegas e superiores¹⁷. Como nos relata um dos seus antigos alunos, “muito bondoso, e austero quanto necessário, incutia-nos o gosto pelo estudo”¹⁸.

Quando tudo parecia correr bem, eis que acontece a implantação da República em 1910, que irá afetar a vida da Igreja e, de um modo particular, a vida do seminário. Passados nove dias da proclamação da República, o governo manda fechar Seminário do Mondego¹⁹, sem sequer olhar ao bem que esta casa fazia aos diversos jovens que ali estudavam gratuitamente, manifestando-se, claramente, uma guerra aberta e sem princípios, em que se dava lugar ao ódio nascido do jacobinismo²⁰.

Com o encerramento do Seminário do Mondego o Pe. João de Oliveira Matos deslocou-se com os seus alunos para o Seminário da Guarda, mas também não tardou a que o clima que ali se vivia fosse perturbado por acontecimentos dolorosos.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, 62.

¹⁷ Cf. *Ibidem*, 65.

¹⁸ *Ibidem*, 61.

¹⁹ O encerramento do seminário deu-se em 14 de Outubro de 1910. Cf. J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 75.

²⁰ Cf. J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 75.

Depois de invasões levadas a cabo pelos populares e por alguns estudantes, eis que o seminário foi sequestrado por um decreto e entregue à Câmara Municipal, a 11 de novembro de 1910²¹.

D. Manuel Vieira de Matos reagiu com veemência à perseguição movida contra a Igreja e, por isso, foi exilado/expulso da Diocese da Guarda. Instalou-se na Covilhã de onde teve que se retirar, pois, sabendo onde ele estava, fizeram-lhe algumas ameaças, o que o levou a partir para o Fundão. Quando novamente regressou à sede da diocese já tinham confiscado o paço episcopal. Instalou-se assim numa casa no bairro do Bonfim²² onde também funcionava o seminário com a mesma equipa formadora, que antes estava no Seminário da Guarda que tinha sido confiscado. Como se ainda não bastasse, “a perseguição teve o seu desfecho com a profanação e o encerramento ao culto da igreja do seminário, a 15 de março de 1913”²³.

A 4 de agosto de 1912 começa uma nova etapa: o Pe. João de Oliveira Matos como pároco de Santa Maria na vila de Celorico da Beira, etapa esta que não foi fácil, uma vez que a febre do jacobinismo também ali estava bem patente. Foi esta etapa que marcou toda a sua vida no meio da adversidade, numa vida penitente, trabalhando para viver, que a sua alma ganhou a capacidade de sacrifício e renúncia que havia de inspirar toda a Diocese²⁴.

Para além da sua pouca experiência como pároco, temos “o ambiente geral da época, fértil em sectarismo anticatólico, ao qual se juntou uma circunstância local que muito deve ter concorrido para o fazer sofrer”²⁵. O Pe. Antero, natural da vila, pretendia ser o pároco de Santa Maria, e de um modo natural os seus partidários consideraram o Pe. João de Oliveira Matos como um intruso e passaram à perseguição, mas não por muito tempo, pois logo se

²¹ Cf. *Ibidem*, 79.

²² Também conhecida como Vaticano por ser casa de padres.

²³ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 95.

²⁴ Cf. *Ibidem*, 98.

²⁵ *Ibidem*, 101.

deram conta que estavam perante alguém superior, e assim, de perseguidores passaram a seus admiradores.

Em Celorico da Beira, o Pe. João de Oliveira Matos, tal como já antes fizera no Fundão, entregou-se ao ensino, quer pelo gosto pessoal em ensinar quer para o seu sustento. Ainda que tivesse pouco, do pouco que tinha partilhava com os mais necessitados, e foi nesta mesma linha de partilha que fundou o Asilo²⁶ para os pobres e para os mais necessitados. Também era notório o seu estar na celebração da Eucaristia, plenamente consciente do sacramento, uma vez que era perseguido não demonstrava medo e fazia tudo com uma calma e uma serenidade sem igual. O que mais comovia e aproximava o povo era o seu exemplo expresso nas palavras e no seu testemunho. “A grande lei que o orientava na pregação era a da caridade. Jamais utilizou o altar ou o púlpito para ataques pessoais”²⁷.

Durante estes dois anos em que esteve em Celorico da Beira, fundou também o jornal *A Voz do Pároco*, e no trabalho paroquial também foram vários os boletins que partilhou com a comunidade. No dia 8 de dezembro de 1914 despede-se dos seus paroquianos e foi grande o número das pessoas que o acompanharam à estação dos comboios onde, com grande tristeza, o viram partir para Braga como secretário particular de D. Manuel Vieira de Matos, agora nomeado para aquela Arquidiocese, onde assume as funções de Arcebispo Primaz.

Em Braga teve uma atividade discreta junto do arcebispo Manuel Vieira de Matos, e regressou em 15 de maio de 1920 à Diocese da Guarda, a pedido do bispo diocesano D. José Alves Matoso. O Santo Padre Bento XV, conhecendo as suas qualidades nomeou-o seu camareiro secreto, com o título de monsenhor e concedeu-lhe também a faculdade de crismar. Em agosto do mesmo ano foi nomeado cónego capitular da Sé e seguidamente Visitador Geral da Diocese.

²⁶ Este não permaneceu muito tempo depois de o Pe. João ter saído de Celorico.

²⁷ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 108.

Monsenhor João de Oliveira Matos dedica-se intensamente às visitas pastorais, que foram o começo de uma transformação larga e profunda da Diocese.

Grande alegria foi a da Diocese no dia 23 de dezembro de 1922, data em que se soube que o Santo Padre se dignara nomear, bispo de Aureliópolis e auxiliar da Diocese da Guarda, o Monsenhor João de Oliveira Matos²⁸.

Para a sua sagração episcopal foi constituída uma comissão que se responsabilizou para que quando chegasse o dia, tudo estivesse preparado. Não faltou gente que quisesse participar com dinheiro ou outros bens, como foi o caso do Arcebispo de Braga que ofereceu a cruz episcopal. A data já marcada, mas ainda não divulgada, mostra a humildade do Monsenhor João de Oliveira Matos, que queria que a sua ordenação episcopal decorresse como a sua missa nova sem grandes alaridos ou distrações. Porém, a data foi divulgada cinco dias antes e a sagração episcopal celebrou-se no dia 25 de julho de 1923. Foi, sem dúvida, um grande dia para o Dom João de Oliveira Matos, mas também para toda a Diocese, que o conhecia bem das suas visitas pastorais que não tardou em retomar.

Ao longo das suas visitas pastorais, percorreu toda a Diocese, começando pelos arciprestados e estendendo-se a todas as paróquias. Deslocava-se a pé e só em caso de necessidade aceitava o transporte. Era sem dúvida o bispo romeiro que cativava todos por onde passava, ensinando a doutrina e o catecismo a todos os que o quisessem escutar, sendo as crianças as suas prediletas. Entregou-se totalmente ao serviço de Deus e do próximo, deixando após si uma renovação espiritual que deu e continua a dar frutos extraordinários. “Pode dizer-se que a Diocese vive ainda espiritualmente do sangue do seu martírio”²⁹.

As suas visitas começavam com o acolhimento da paróquia que vinha ao seu encontro, depois da sua preparação com oração e penitência. Nas paróquias ficava o tempo necessário.

²⁸ Cf. *Ibidem*, 126.

²⁹ *Ibidem*, 146.

Após a saudação encaminhava-se para o cemitério onde “a sua intenção era principalmente implorar o auxílio dos Maiores para aquela jornada de renovação espiritual, como ponto de partida para o regresso à fé dos seus antepassados”³⁰.

No dia seguinte começava logo pela manhã com o ensino da doutrina, o que contribuiu para a renovação da Diocese que até então estava um pouco afastada do catecismo. Nestas visitas, muitas foram as horas que esteve disponível para receber as pessoas que procuravam o sacramento da reconciliação e muitos foram os crismas que ministrou. “Dizia muitas vezes o Senhor D. João nestas ocasiões que tinha muito prazer em seguir o exemplo de Frei Bartolomeu dos Mártires”³¹.

Enquanto visitador, Dom João de Oliveira Matos dá-se conta que muito se pode fazer, como ele próprio disse: “na vida que levo há mais de três anos, percorrendo já mais de trezentas freguesias desta Diocese, tenho encontrado homens e mulheres de tanta grandeza moral, que são verdadeiros jardins de virtudes. Quantas vezes até junto do altar, me tenho comovido ao contempla-los”³². Diante estas pessoas muito se questionava sobre o porquê de Deus lhe dar este gozo espiritual, mas na sua humildade, logo afastava a ideia de que Deus lhe ponha as pessoas para seu gozo espiritual. Dizia: “Mas, eu Senhor, sou um pobre pecador, só mereço castigos e não gozo, embora o meu coração se sinta feliz durante algum tempo, pois tendo sido criado para o prazer, sente-se bem gozando”³³.

Depois de muito refletir sobre todos estes benefícios que Deus lhe tem colocado no seu caminho, eis que encontra uma resposta, um desejo de fundar uma associação ou uma liga.

“Depois de muito rezar, lembrei-me de fundar uma associação de almas apaixonadas de Jesus, que pudessem substituir a reparação que em Portugal se fazia quando havia ordens

³⁰ *Ibidem*, 148.

³¹ *Ibidem*, 152.

³² *Ibidem*, 186.

³³ *Ibidem*, 186.

religiosas. O demónio não quer conventos hoje em Portugal: temos de arranjar um meio de iludir o demónio. Fazamos de cada cidade, vila e aldeia, um convento de cem, duzentos frades e freiras que substituam as freiras de hábito, que o demónio e o mundo não querem”³⁴.

Foi com este intuito que Dom João de Oliveira Matos reuniu um pequeno grupo de leigos na Lajeosa do Mondego, no dia 11 de fevereiro de 1924, a fim de levar a cabo esta Liga que tinha como objetivo a renovação pastoral das paróquias da Diocese e como lema as palavras de S. Paulo, “é preciso que Jesus volte a reinar”, às quais D. João de Oliveira Matos acrescenta, “em Portugal, na Diocese, na nossa terra, na nossa família, e, primeiro que tudo, no nosso coração”³⁵. Este foi mais um marco na vida do Dom João de Oliveira Matos, que depois se expandiu com as diversas casas que a Liga foi construindo, mas disso falarei noutro capítulo, bem como do Jornal *Amigo da Verdade*, por ele fundado como meio de evangelização a todos os cantos da Diocese.

Dom João de Oliveira Matos tinha assim em mão um grande trabalho que lhe obrigava a uma audaz administração do seu tempo, pois era a Liga, a Ação Católica, o jornal e as visitas pastorais, além do grande número de pessoas que dos diversos cantos da Diocese e até de todo o País, o procuravam para se orientarem espiritualmente.

No meio de tanto trabalho eis que a sua saúde começa a declinar, entre novembro de 1928 e maio de 1934, temos vários relatos de que a sua saúde estava muito precária, mas ainda assim nunca deixou de acompanhar de perto todos os trabalhos que lhe estavam confiados. E assim que se sentia melhor recomeçava no trabalho pastoral. Temos um relato que nos diz: “da estação dos comboios do Rochoso até à Escola Regional da Cerdeira do Côa, a neve branca ficou, aqui e além manchada de sangue”³⁶, e ainda assim quando chegou à Cerdeira foi sentar-se no confessionário para atender de confissão. Muitos outros episódios mostram esta entrega total a Deus e ao próximo.

³⁴ *Ibidem*, 187.

³⁵ *Ibidem*, 188.

³⁶ *Ibidem*, 314.

Dom José Alves Matoso, o então bispo da Guarda, dá-se conta, depois de falar com Dom João de Oliveira Matos, da necessidade de um novo visitador apostólico face ao grande número de paróquias da Diocese e às suas necessidades. Fez então o pedido à Sé Apostólica que um cônego da Sé catedral fosse Visitador Diocesano com faculdade de crismar. Não tendo sido aceite este pedido do bispo diocesano foi nomeado, em maio de 1936, outro bispo auxiliar, D. José Augusto da Rocha Noronha³⁷, com o título de bispo de Bargala³⁸, assumindo assim as visitas pastorais entre outros trabalhos. Não o foi por muito tempo, pois perante um acidente de cavalo durante estas visitas, caiu por terra e, ainda levado a Coimbra, acabou por falecer a 4 de junho de 1938.

Com este acontecimento, a agenda de D. João volta a estar repleta, mas, ainda assim, há testemunhos de que estava sempre presente para os atos nos quais solicitavam a sua presença, apesar que a sua saúde seria já muito precária. Vemo-lo novamente nas visitas pastorais e nos congressos, nas procissões eucarísticas e na homenagem³⁹ feita ao papa Pio XI, cuja vida sofreu grandes riscos face ao nazismo de Hitler.

A vida continua e aproximam-se os 25 anos de episcopado do bispo auxiliar, e como não podia deixar de ser, logo se pensou numa homenagem, para a qual contribui a comissão ao encargo de D. José Alves Matoso. A comissão, tal como já ocorrera aquando a sua ordenação episcopal, tinha o objetivo de que tudo pode-se estar preparado e com os bens necessários à grande festa.

Foi sem dúvida uma grande festa o dia 6 de junho de 1948, com a presença de mais de 30000 pessoas dos diversos pontos da Diocese, que se quiseram associar a este tão elevado momento da vida do bispo romeiro Dom João de Oliveira Matos. Para terminar as comemorações houve confraternização no ginásio do liceu onde estiveram presentes os bispos

³⁷ Era natural de Reriz, Castro Daire. Foi também vice-reitor do seminário e cônego capitular da sé de Viseu.

³⁸ Cf. J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 318.

³⁹ Esta homenagem decorreu no Fundão, nos dias 11, 12 e 13 de Maio de 1944.

da Guarda, de Évora e de Viseu. O arcebispo de Évora tomou a palavra, dizendo que “julgava D. João, um desconhecido, por apagada que procurava tomar a sua vida, afinal, ele era apenas um desconhecido de si mesmo. Só ele desconhecia o grande valor da sua vida e da sua obra”⁴⁰.

Tomou também a palavra o Dr. Lopes da Fonseca⁴¹, “o venerado bispo-auxiliar da Guarda é, na nossa terra, o espírito vivo de S. João Bosco, o apóstolo atual ao serviço de um apostolado atualizado”⁴². Para terminar, o Dr. Joaquim Dinis da Fonseca, subsecretário das finanças, anuncia “que o presidente da república concedera a D. João de Oliveira Matos o grande oficialato da ordem de benemerência e que o encarregara de colocar no seu peito as insígnias correspondentes”⁴³. Foi o momento alto que mereceu vários aplausos e grande alegria por parte de todos os presentes.

Dom João de Oliveira Matos continua as suas visitas pastorais ciente de que a sua saúde está em declínio permanente. Também, D. José Alves Matoso estava bastante adoentado, fruto de uma queda que deu na Sé Catedral. A Igreja diocesana sente necessidade de um novo colaborador, e rejubila com a notícia de que o Santo Padre acolheu o pedido de D. José, concedendo um coadjutor com direito a sucessão, o D. Domingos da Silva Gonçalves, até então Diretor das oficinas de São José em Guimarães.

D. Domingos chegou à Guarda no dia 7 de Outubro de 1948, e na sua saudação à Diocese, proferida na Sé Catedral, afirmou:

“Confio plenamente na benevolência, conselho e luz dos dois insígnos prelados desta cristianíssima Diocese, o muito amado Ancião, que é relíquia e honra ilustre do venerando episcopado, cuja existência preciosa peço a Deus se digne conservar ainda por dilatados anos, e o seu zelosíssimo e santo auxiliar, hóstia viva, imolada, num sacrifício perene, pela bem-aventurança deste excelente povo, que tanto lhe deve; no iluminado conselho e exemplo destes dois ínclitos

⁴⁰ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 343.

⁴¹ Antigo ministro da justiça.

⁴² J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 343.

⁴³ *Ibidem*, 344.

pastores, em cujo encalço prometo seguir, espero, com efeito, achar sempre o mais poderoso recurso para fortalecer a minha fraqueza e miséria”⁴⁴.

Depois da tomada de posse do novo bispo, Dom João de Oliveira Matos retirou-se praticamente para uma vida de clausura devido à sua saúde que estava em constante decadência, chegando mesmo, em alguns momentos, a ficar imobilizado numa cadeira. Encerrava-se no seu quarto e praticamente só saía para as refeições, para a adoração ao Santíssimo e se previamente avisado para receber alguém. No entanto, quando estava perante alguém punha de lado o seu sofrimento e apenas pensava no próximo. Eis que a 30 de maio de 1949 aquando a passagem da Virgem Peregrina pelo Outeiro de São Miguel, repentinamente, Dom João de Oliveira Matos se sente melhor e aliviado dos seus males, levando depois uma vida praticamente normal durante os seis anos seguintes, altura em que teve uma queda de saúde que o impedia de estar de pé durante muito tempo.

Na festa oficial da Liga, realizada no dia 20 de maio de 1959, no Outeiro de S. Miguel, Dom João de Oliveira Matos entrega a Liga ao cuidado do bispo titular D. Domingos da Silva, que a todos surpreendeu do modo como dela falou. Dom João de Oliveira Matos já muito debilitado entregava-se totalmente na mão de Deus e muitas vezes dizia, “onde, como, e quando quiser”⁴⁵, estou pronto a comparecer diante do Senhor. Como podemos ver, é certo que custava muito aos que de perto o acompanhavam a sua separação, por isso diz-lhes: “confiem no Senhor, a obra é d’Ele e do prelado que estimo; nunca ficará abandonada”⁴⁶. Porém, D. Domingos acabou por falecer no dia 4 de junho do ano seguinte, e a Santa Sé transferiu de Macau para a Guarda o bispo D. Policarpo da Costa Vaz, a quem Dom João de Oliveira Matos visitou no Paço no seu aniversário natalício e lembrou que, pelas Constituições da Liga, o prelado Diocesano é o seu Presidente.

⁴⁴ *Ibidem*, 349.

⁴⁵ *Ibidem*, 353.

⁴⁶ *Ibidem*, 353.

As grandes preocupações de Dom João de Oliveira Matos neste momento da sua vida apegam-se ao futuro da obra dos rapazes, “nunca deixem esmorecer a obra dos rapazes, procurem aperfeiçoá-la cada vez mais, pois é muito necessária”⁴⁷, e ao cuidado pelos sacerdotes que a Liga deve prestar: “façam aos sacerdotes todo o bem que puderem e da Obra – o outro nome pela qual é conhecida a Liga dos servos de Jesus – façam viveiro de vocações sacerdotais que possam servi-la”⁴⁸. Ainda que muito debilitado comungou até ao fim da sua vida, mostrando sempre uma grande simplicidade, mas muito ciente de que recebia Cristo, encontrando-se praticamente em êxtase. Aproximando-se o momento da sua partida, ainda lhe foi declarado um edema pulmonar, que mais contribuiu para o sofrimento, e o levara a uma agonia profunda nos últimos três dias antes da sua partida para junto do Pai.

Foi no dia 29 de agosto de 1962, festa do martírio de São João Batista, pelas 00:40 H, que o Senhor o chamou para si, resgatando-o da fragilidade humana. Decerto, que também neste momento sentiu o que tantas vezes dissera, “Eia! Servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor”⁴⁹. Foi celebrada a eucaristia no dia seguinte com a presença de numerosos sacerdotes e leigos que lhe prestavam a última homenagem, e depois o acompanharam ao cemitério da Guarda onde ficou sepultado.

O seu corpo foi trasladado do cemitério para a nova Igreja do Outeiro de São Miguel no dia 21 de outubro de 1972, com grande número de fiéis e sacerdotes a acompanhar o cortejo, manifestando-se claramente que o que em vida pregou e testemunhou, deu fruto e ficou marcado no coração da gente beirã. “A pedra de granito que cobre o seu cadáver é a pedra angular de uma obra que tem um carisma próprio, distinto de qualquer outro, inconfundível, ao que deve manter-se fiel.”⁵⁰.

⁴⁷ *Ibidem*, 353.

⁴⁸ *Ibidem*, 354.

⁴⁹ *Ibidem*, 357.

⁵⁰ *Ibidem*, 487.

Não se esquece que, após a sua trasladação, o seu túmulo era visitado por muitos devotos e, passados alguns anos, o episcopado português, reunido em assembleia plenária em Fátima ⁵¹, mostra a sua concordância na introdução da Causa de Beatificação, uma vez que faleceu com fama de santidade. Foi assim que a 30 de janeiro de 1994 foi aberto o Processo Diocesano da sua Causa de Canonização. Posteriormente a 3 de maio de 1998 realizou-se a sessão de Clausura e a 9 de junho do mesmo ano o Processo foi entregue na Congregação das Causas dos Santos, em Roma.

Dez anos depois, no dia 13 de setembro de 2008 foi entregue em Roma, na Congregação das Causas dos Santos a “positio super virtutibus et fama sanctitatis”. Mais recentemente em 3 de junho 2013, o Papa reconheceu as suas virtudes heroicas e atribuiu-lhe o título de Venerável, encontrando-se assim a um passo da beatificação.

⁵¹ De 14 a 17 de novembro de 1988.

2. Perfil Espiritual

O perfil espiritual de Dom João de Oliveira Matos é bem conhecido e apreciado por todos os que de perto o conheceram e com ele travaram conhecimento, isto porque, os que dele se abeiraram, reconheciam nele um ser puramente humano e espiritual. A sua forma de ser, de estar e de comunicar manifestava como que uma brisa suave, que a todos alentava e transmitia serenidade e conforto.

Esta forma de ser brota da íntima relação com Deus, com a Sagrada Escritura, com a eucaristia e com a sua doação/entrega ao próximo. A sua vida denota um equilíbrio excepcional entre a vida comunitária e a vida espiritual, o que, visto na atualidade, acarreta consigo um grande desafio para a Liga por ele fundada, pois estas comunidades são o espelho vivo do seu fundador e como tal carregam a obrigação de ser espelho da sua relação íntima com Deus e com os irmãos.

A vida de Dom João de Oliveira Matos, como vimos anteriormente, foi reconhecida, valorizada e por isso marcante na vida de outros, desde a sua passagem pelo seminário, como professor, como pároco, como perfeito de seminário, como secretário do bispo, como bispo auxiliar, em tudo o que fazia depositava a força de Deus, a fim de que lhe fosse fiel. E porque lhe foi fiel, iniciou-se o processo da sua canonização que ainda decorre.

A Eucaristia deve ser o ponto alto da vida de cada cristão, quer para aqueles que nela participam diariamente quer para os que participam apenas ao domingo. A Eucaristia tem de ser o alimento vivo que dá vida à nossa vida de cristãos, de comunidade, de família em comunhão com o próprio Jesus Cristo e com Deus que nos deu o dom da vida. Disto teve plena consciência o servo de Deus que, mesmo perante as adversidades, nunca se deixou intimidar ou desalentar e celebrava sempre o sacramento com uma serenidade sem igual.

O domingo é por excelência o dia do Senhor e como nos dizem os mandamentos da Lei de Deus, devemos guardar os domingos e festas de guarda, devemos abeirar-nos sobretudo d'Aquele que nos deu a vida e se deu a Si próprio, a fim de nos abrir o caminho da vida eterna. Para aqueles que apenas se aproximam da Eucaristia Dominical esta deve ser como que o culminar de uma semana, como uma oferta a Deus, a fim de que Ele também possa reparar e novamente restaurar as forças, para mais uma semana de apostolado, de missão, de entrega ao serviço do Reino. A respeito das famílias que não guardam o domingo como o dia do Senhor, diz-nos Dom João de Oliveira Matos:

“O homem que se deixa escravizar pela ânsia do lucro e do prazer dos sentidos e que, em procura da satisfação dessa ânsia, profana o dia do Senhor com trabalhos proibidos ou com vícios degradantes, segue caminho errado.

Expõe-se, não só ao grande perigo de se condenar eternamente, mas ainda a inúmeras aflições morais, a doenças graves no corpo e à pobreza.

Não pode viver na alegria verdadeira, por ser ladrão da honra e glória de Deus; antes terá de sofrer tristezas e amarguras sem conto, como consequência do seu pecado.

Além, disso o trabalho excessivo e os vícios a que se entrega, enfraquecem-no e esgotam-no, e os bens assim adquiridos não o fazem medrar, antes em breve desaparecem.

A profanação do dia do Senhor é, pois, altamente nociva ao homem; mas é também muito prejudicial à família e à sociedade.

Família onde se não respeite este grande dia, é família infelicíssima; nela não pode reinar a paz, que é felicidade, porque lhe falta o respeito e amor verdadeiros, que não podem existir sem o amor de Deus; é a morada do demónio, que só goza com a infelicidade humana.

E numa sociedade, na qual se perdeu, deste modo, o respeito à autoridade de Deus, perde-se o respeito a qualquer outra autoridade; e a desordem, que perturba e aflige, impera despoticamente, impedindo o progresso e o bem-estar comum.

Respeitemos, pois, o dia do Senhor, santifiquemo-lo, e as bênçãos de Deus descerão sobre nós”⁵².

Na sua peregrinação terrena Dom João de Oliveira Matos soube viver de Deus, com Deus e para Deus e também soube transmitir na sua vivência, no seu testemunho e na sua doação ao próximo qual deve ser a busca de sentido de cada cristão, alertando que:

⁵² J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume V*, 95.

“O coração do homem tende naturalmente a ligar-se ao que julga perfeito e, é tão forte esta inclinação, que ele às vezes se deixa seduzir pelas aparências e prede-se a seres sem perfeição real que o levam por caminhos de perdição e o lançam em inquietações desesperantes.

Como evitar tão grande mal?

Procurando conhecer a Deus, única perfeição verdadeira, e amando-O de todo o coração e sobre todas as coisas.

Um conhecimento perfeito de Deus não pode ser abrangido pelo que é limitado; mas podemos conseguir umas noções de Deus, que, embora imperfeitas e incompletas, nos poderão levar pelo caminho da união com Ele.

Deus é um ser vivo por excelência, puro espírito que existe por si, sem dependência de outro ser, dotado de uma beleza, de uma perfeição, de uma felicidade que não conhecem limites, dispondo de um poder que tirou do nada todos os outros seres e os conserva com infinita sabedoria, e de uma inteligência que tudo vê num ato e com a maior clareza.

Um só por natureza, mas trino em pessoas, a sua perfeição atinge tal grandeza e majestade que na sua presença devíamos estar sempre de face na terra, com o maior respeito.

Ele está em toda a parte, penetrando e cercando todas as criaturas, vendo tudo, ouvindo tudo.

Adoremo-lo, pois, dentro do nosso coração e respeitemo-lo sempre, evitando na sua presença o que possa ofendê-lo.

Pensem muitas vezes nele e reflitamos frequentes vezes sobre as suas infinitas perfeições das quais nos dão uma ideia uma ideia, ainda que pálida, os seres criados, e o nosso coração irá para Ele”⁵³.

A este respeito também nos diz são Paulo, “se morremos com Cristo, cremos que também com Ele viveremos” (Rm 6,8), sem dúvida que se a nossa vida for pautada pelo evangelho, se deixarmos que seja o próprio Jesus a guiar os nossos passos, aí sim encontraremos a força necessária para ultrapassar todas as dificuldades e continuamente darmos graças a Deus.

Em toda a sua vida Dom João de Oliveira Matos teve plena consciência de que era o próprio Jesus que o guiava, e nota-se isso claramente perante a fundação da Liga, quando ele diz que a obra é de Deus e esta só irá por diante se Ele quiser. Soube ler os sinais dos tempos e reconhecer que em tudo é o próprio Deus que age para salvação de todos sem exceção, mas mesmo assim “não tentemos fazer obras vistosas e grandes na nossa vida, porque somos pequeninos; procuremos sim, desempenhar com grande amor e perfeição, a tarefa escondida e

⁵³ *Ibidem*, 317.

monótona dos nossos deveres diários e, ao apresenta-los a Jesus no fim do nosso dia de trabalho, façamo-lo com um grande amor e Ele sorrirá para nós”⁵⁴.

Tudo o que faz Dom João de Oliveira Matos é testemunhar com a vida o próprio evangelho, e com o evangelho lido e meditado é ele mesmo configurado com Cristo o fermento novo, e é exemplo de santidade para todos os que o rodeiam, e a respeito da santidade diz-nos que esta “consiste, exatamente, no exato cumprimento do dever comum, em fazer com perfeição as coisas ordinárias, por amor de Deus”⁵⁵, muitas vezes ou sempre que possível renunciemos a nós mesmos para o bem maior, deixemos de lado tudo o que nos aprisiona ou não nos deixa avançar para servirmos mais e melhor o Salvador do mundo.

A Eucaristia é o cume da vida cristã, é na Eucaristia que vamos receber o próprio Jesus Cristo que se nos dá como alimento e alimento verdadeiro. Como tal, se vamos receber Cristo temos de estar em comunhão com os irmãos, com a Igreja, temos de estar purificados de todo o pecado como nos diz Jesus: “primeiro vai reconciliar-te com teu irmão, depois volta e apresenta a tua oferta” (Mt 5, 24). Na comunhão do Corpo e Sangue de Cristo “não ides oferecer um dom; ides recebê-lo. Melhores devem ser, pois, as vossas disposições, a vossa caridade”⁵⁶.

Depois de escutar a Palavra de Deus e de comungar o Seu Corpo, todo o cristão é convidado a ser apóstolo, ou seja, é convidado a ser realmente figura de Cristo, sinal vivo da sua presença no meio do povo, através da prática da caridade e das boas obras para com os demais. Não nos esqueçamos que somos criaturas de Deus, somos finitos e a nossa peregrinação na terra tem de ser o sinal vivo da comunhão com Cristo, se vivermos na sua luz, no seu amor e na prática da sua mensagem sabemos que seremos conduzidos aos prados

⁵⁴ J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume VI*, 145.

⁵⁵ J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume V*, 229.

⁵⁶ *Ibidem*, 208.

verdejantes, a glória eterna, à pátria celeste onde junto dele queremos ficar para todo o sempre.

Um aspeto muito importante e que na sua vida teve sempre presente foi a paixão de Cristo, com a qual se envolveu e apaixonou, sendo também um ponto importante nas meditações e nos retiros que ele orientou, quer nas casas da Liga quer nas visitas pastorais. O tema da mortificação era para ele o elo de reflexão que, de certa forma, mais aproxima os cristãos de Deus e por isso diz-nos:

“Há um segundo modo de mortificação que é o melhor, o mais sábio, o mais sublime, o mais seguro, e o meio mais próprio para nos elevar, em pouco tempo, à mais alta união com Deus: é a cruz bendita, talhada pela Providência, e que desce sobre nós envolvida no véu dos acontecimentos.

Essa cruz é o sinal de predestinação com que Deus maraca a fronte abençoada dos seus eleitos mais queridos; é o caminho mais curto e mais seguro para chegarmos à santidade!

Devemos amá-la e abraçar-nos a ela e bradar como santo André diante da cruz do seu martírio: *Ó boa cruz, eu te saúdo.*

Cruz bendita do nosso estado, cruz que envolve o dever do momento presente, sem espalhafato, nem caprichos; ela é o remédio mais eficaz que o Médico divino aplica às almas para a sua própria santificação e para a conversão e santificação das almas que lhes estão confiadas.

Nas mortificações voluntárias pode haver ilusão de amor-próprio. Não sucede o mesmo às que a Providência nos destina: aquela doença, aquele revés de fortuna, aquele insucesso, aquela humilhação e mal-entendido que Deus nos envia, é o que mais adequado se torna à nossa santificação.

O Coração de Jesus é o maior psicólogo da alma e do coração humano; Ele conhece-nos a fundo e, como o mais sábio dos diretores, chama as almas para Deus, por caminhos às vezes indecifráveis para elas, mas que nem por isso deixam de ser cheios de sabedoria, de amor e de misericórdia!”⁵⁷.

Como dizia Jesus, “se alguém me quer seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”(Mc 8, 34) todo o cristão é convidado assim a caminhar, a fazer caminho de olhos postos na cruz de Jesus mas com a própria cruz. Perante a sua vida, vemos que a cruz não o afligiu e por isso a tomou e a levou a bom porto, não desanimou com as dificuldades nem com os obstáculos que tantas vezes lhe foram surgindo, mas seguiu em frente. Dom João de

⁵⁷ *Ibidem*, 249.

Oliveira Matos tinha uma meta, um objetivo, tinha em si realmente o próprio Jesus que comunicou e testemunhou fielmente. Segundo a tradição, a respeito da cruz, dizia Santo André, “eu te saúdo, ó cruz, que foste santificada pelo corpo de Cristo. Ó tu, que durante tanto tempo desejei, que ardentemente amei, eu te saúdo. Toma-me do meio dos homens para me restituíres ao meu Mestre”, depois de percorrida a vida terrena a nossa cruz é justificada junto de Deus, que nos acolhe, para gozarmos junto d’Ele para toda a eternidade.

A Virgem Santa Maria, com o seu sim, tornou possível a encarnação do Filho de Deus e por isso tornou-se para nós a portadora de Deus e Mãe da Humanidade, a sua disponibilidade e a sua aceitação foram também modelo na vida de Dom João de Oliveira Matos. O seu sim, no sacramento da Ordem, é sem dúvida, para todos, o sinal da sua disponibilidade em servir a Igreja. Foi o que fez e ainda hoje faz através da Liga por ele fundada.

Toda a relação entre o homem e Deus é fundada na oração, no diálogo que a criatura estabelece com o criador, e esta pode acontecer de diversas formas: vocal, mental ou contemplativa. O importante é que ela se estabeleça e que o ser humano reconheça que é deste diálogo que brota toda a felicidade para a sua vida, e assim o cultive cada vez mais e melhor. “A oração é o sustento da alma, assim como a comida é o alimento para o corpo”⁵⁸.

A vida do servo Dom João de Oliveira Matos foi uma constante oração, vemo-lo a rezar diante do sacrário várias horas, onde se entrega totalmente a Deus, onde lhe confia todos os seus problemas para que possa descobrir a sua vontade. Neste diálogo de oração não rezamos apenas para pedir, para agradecer, mas rezamos também para nos confiarmos a Ele tal como somos, a fim de que Ele nos possa moldar. “A oração é a elevação da nossa alma a Deus, para lhe prestarmos as nossas homenagens, mostrarmos as nossas necessidades e pedirmos as suas bênçãos”⁵⁹.

⁵⁸ *Ibidem*, 293.

⁵⁹ *Ibidem*, 290.

A oração na vida do cristão é como o sal que dá sabor à comida, pois, tal como o sal sem sabor para nada serve, da mesma maneira o cristão sem a oração se sentirá perdido, desanimado e incompreendido. A oração requer assim esforço da parte de quem se compromete a fazê-la, e quando se faz deve nela haver um esforço para ser bem feita, pois “dá-nos o conhecimento dos atributos de Deus e, deste conhecimento, nasce o nosso amor para com Ele; à medida que o amor aumenta, aumenta em nós o desejo de nos sacrificarmos, trabalharmos e instruímo-nos para lhe darmos mais glória, a maior glória de que formos capazes”⁶⁰.

Do perfil espiritual de Dom João de Oliveira Matos destaca-se a vontade de reparação, isto é, a vontade de renovar na Diocese o fervor eucarístico dos tempos antigos e ainda reparar as ofensas que são cometidas contra Deus. Para renovar o fervor eucarístico e de novo animar e rejuvenescer o cristianismo na Diocese o bispo funda a Liga, com a finalidade de criar assim uma diocese-convento, isto é, uma diocese onde cada família, cada casa, cada paróquia, cada arciprestado seja reflexo do amor de Jesus Cristo, a exemplo das primeiras comunidades cristãs, onde todos ansiavam por tomar parte na fração do pão, pois era notória a forma como se amavam. E por isso dizia Dom João de Oliveira Matos: “Servos de Jesus e servos da Igreja é uma e a mesma coisa: quem ama o esposo ama a esposa; quem respeita o esposo respeita a esposa; se queremos servir a Jesus Cristo, sirvamos com igual amor a Igreja na pessoa do Santo Padre, dos Bispos e dos seus representantes”⁶¹.

A Liga surge desde logo com linhas mestras bem definidas, das quais se destacam cinco aspetos: “1º para reunir à volta de Jesus as almas de boa vontade que desejam amá-lo de todo o coração e sobre todas as coisas; 2º expiar e reparar os pecados próprios e alheios; 3º orar

⁶⁰ *Ibidem*, 343.

⁶¹ J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume VI*, 86.

pela conversão dos pecadores, 4º procurar que Jesus reine na inteligência, no coração e na vontade dos homens, 5º praticar as boas obras de misericórdia para com todos”⁶².

Neste sentido todos deviam cumprir “dia a dia, hora a hora, momento a momento, o que Deus pede de nós, naquele dia, naquela hora, naquele momento; e Ele nada mais nos pede que o desempenho, quanto possível perfeito, dos deveres do nosso estado”⁶³. Para o cumprimento da vontade de Deus temos de escutar a sua voz, abrir o coração à sua misericórdia e deixar que seja Ele a agir em nós. “Não nos preocupemos, pois, em demasia nem com o passado, nem com o futuro; o passado não volta, está nas mãos de Deus, e o futuro é incerto; podemos morrer de um instante para o outro. Basta-nos simplesmente uma fidelidade cheia de amor e confiança à graça da hora que passa”⁶⁴.

O seu amor à Igreja é bem visível no legado que nos deixou, era realmente fermento novo e soube levedar a massa, soube conduzir as almas dos que o rodeavam a bom porto, e foi reconhecido por isso mesmo durante a sua vida e depois da sua morte. Um dos testemunhos que vale a pena e que passo a transcrever é do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro que na homilia do centenário do nascimento de Dom João de Oliveira Matos afirmou:

“A diocese da Guarda, esta nobre e antiga Igreja que tem sido Mãe de tantos heróis e santos, celebra hoje o centenário do nascimento de um dos seus filhos mais ilustres. (...)”

Dizer quem foi D. João de Oliveira Matos não é tarefa fácil. Estou certo de que vós próprios, os que mais com ele convivestes, sentireis dificuldades em desenhar, de modo perfeito, os traços da sua fisionomia espiritual, tão rica e composta. (...)”

Não. Não direi quem foi o bispo penitente e asceta, o bispo humilde e bondoso, o bispo cheio de zelo e de ação pastoral, o bispo que, embora morto à dezassete anos, continua sempre vivo, não só perante a face de Deus como esperamos, mas também na memória e no coração de quantos o conheceram. Ele está, de facto, vivo. E, por isso, a diocese da Guarda celebra hoje, como se faz aos santos, uma data de vida e não de morte, um centenário de nascimento e não uma efeméride de luto. (...)”

E que nos diz, hoje, D. João de Oliveira Matos? Qual a mensagem que nos comunica, neste centenário do seu nascimento?

⁶² A. NEVES, *D. João de Oliveira Matos escritos espirituais*, 204.

⁶³ J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume VI*, 146.

⁶⁴ *Ibidem*, 146.

Antes de mais, parece-me ouvi-lo a dizer: é preciso amar a Deus, acima de todas as coisas. (...) Ardia-lhe o peito em labaredas de fé. Não podia consentir que Deus fosse negado e vilipendiado. Sabia que Deus é a primeira necessidade do homem. Sem Deus, não há vida, nem justiça, nem liberdade, nem paz, nem amor. Sem Deus não há dignidade humana, nem garantia sólida de respeito aos direitos sagrados da pessoa. Sem Deus não há fraternidade entre os homens, nem convivência pacífica entre os povos. Deus é de facto a primeira e mais radical necessidade do homem, mais necessário que o pão para a boca e o ar para os pulmões.

Esta lição mantém atualidade extrema. Não falta hoje, como ontem, quem pretenda banir Deus das consciências e da vida social dos portugueses. E a pretensão é tanto mais perigosa, quanto menos agressiva, mais subtil, menos frontal, mais disfarçada. (...)

Nestas circunstâncias, também nós, os cristãos portugueses deste final de século XX, temos um combate da fé, a batalha de Deus. Garantindo sempre o respeito que nos merecem todas as pessoas e aberto até ao limite o diálogo entre as ideias, não podemos todavia consentir na confusão propositada que se deseja estabelecer. A vigilância dos cristãos é um dever evangélico e São Paulo recomendou-nos repetidamente a firmeza e a solidez da fé. Por seu lado, também D. João de Oliveira Matos nos adverte: tem de haver sempre uma luta entre os atrativos que exercem sobre nós as criaturas, impressionando os nossos sentidos, e entre o preceito do Senhor: Amai a Deus, que não se vê nem se sente. Quem deve sair vitorioso desta luta deve ser o amor de Deus, mesmo que seja preciso despedaçar o coração para o desprendermos das criaturas. (...)

Ao longo dos anos, trabalhou e sofreu denodadamente para construir uma Igreja una, bem cimentada em Cristo e vinculada aos seus pastores. É impressionante o sentido concreto de unidade eclesial, que transparece das palavras e atitudes de D. João. (...)

Trabalhou e sofreu por uma Igreja santa. Nada mais alegrava o seu coração de Pastor, do que encontra almas sedentas do ideal cristão, apaixonadas por uma santidade verdadeira. (...)

D. João de Oliveira Matos trabalhou e sofreu ainda por uma Igreja verdadeiramente católica, aberta à comunhão e à inter-ajuda universal. Amava, decerto, a diocese a que pertencia e onde mais trabalhava. Mas não deixou de se preocupar com os problemas e dificuldades de outras dioceses, em certos aspetos mais carenciadas do que a sua. Seja-me consentido afirmá-lo eu, pastor da Igreja de Lisboa, foi na diocese da Guarda que o patriarcado recolheu algumas das melhores vocações sacerdotais e religiosas, que ainda hoje o servem. (...)

Por fim, D. João de Oliveira Matos trabalhou e sofreu por uma Igreja apostólica, não só enquanto a queria solidamente fundada sobre os apóstolos e seus sucessores, mas também por que a desejava devorada por um espírito de apostolado, capaz de anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo a todas as criaturas. É preciso que Ele Reine – repetia, como o apóstolo São Paulo. (...)

Era assim o amor a Deus e aos homens, que inundava o coração do bispo D. João de Oliveira Matos. Era assim o amor ardente e filial que sempre dedicou à Igreja. É assim a lição primeira da sua vida e da sua morte. Ao acabar de ouvi-la, havemos certamente de dizer: Glória a Deus, que nele e por ele operou maravilhas! Glória a diocese da Guarda que o teve como Filho e Pastor!”⁶⁵.

⁶⁵ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 490.

A sua vida espiritual é marcada por virtudes que ele viveu e que transmitiu aos servos para que as vivessem como testemunhas do evangelho, de entre estas destacam-se:

- a) A humildade: e a “mortificação são as duas asas que vos levam à mais alta união com Deus. Ouçamos a imitação: que te aproveita disputar altas coisas da Trindade, se não és humilde e por isso mesmo, desagradadas à mesma Trindade?! A virtude e a santidade não estão no muito saber, mas no muito orar e padecer”⁶⁶.
- b) A obediência: “virtude indispensável à salvação e à perfeição das almas. E tão necessária é ela que julgamos não ser temeridade afirmar que, almas puras, almas de oração e de mortificação, não chegam contudo a aperfeiçoar-se como deviam, porque não souberam obedecer”⁶⁷.
- c) A bondade: “só a bondade alegra a vida do homem na terra e lhe garante o gozo do céu. Se a bondade enchesse os corações de todos os homens, a paz dominaria no desterro em que vivemos, tornando-o muito menos amargo. Com a bondade até a morte teria os seus encantos”⁶⁸.
- d) A alegria: “se queremos ser felizes numa hora em que um grito de angústia e tristeza parece elevar-se do mundo inteiro, busquemos o remédio em Jesus. Busquemos n’Ele aquela fonte de água viva que brota até à vida eterna. Sim, o mundo é luz que se apaga, água que não mata a sede, alimento que aumenta a fome, doçura que amarga”⁶⁹.
- e) A temperança: “não sufoca as nossas empresas, as nossas aspirações, os nossos desejos; longe disso, modera-os, pacifica-os orienta-os, consolida-os. A virtude da temperança é a companheira inseparável para subirem mais alto!

⁶⁶ J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume VI*, 301.

⁶⁷ J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume V*, 210.

⁶⁸ *Ibidem*, 240.

⁶⁹ *Ibidem*, 265.

Quantas almas chegariam à santidade, se possuíssem a virtude da temperança!”⁷⁰.

- f) A fortaleza: é “uma das quatro virtudes teologais ou morais e, faltando esta, a prudência deixa de ser virtude para ser cobardia; a justiça transforma-se em fraqueza e a temperança, longe de estabelecer o equilíbrio entre as virtudes, fá-las desaparecer”⁷¹.

Podemos concluir que em toda a sua personalidade comunitária e espiritual reside a ânsia em construir o reino de Deus, acima de tudo com o seu testemunho fiel ao evangelho. E este testemunho é transmitido de forma impar, com uma doçura excecional, como tantas vezes ele referiu, “a doçura é como a nata da caridade, é dos frutos mais perfeitos desta virtude”⁷². Foi com esta doçura que renovou e mobilizou toda a Diocese da Guarda, a viver mais e melhor ao jeito de Jesus Cristo.

⁷⁰ *Ibidem*, 247.

⁷¹ *Ibidem*, 263.

⁷² *Ibidem*, 192.

II PARTE

OBRA FUNDADA POR

DOM JOÃO DE OLIVEIRA MATOS

3. A Liga dos Servos de Jesus

A Liga dos Servos de Jesus nasceu com o carisma do seu fundador, que não é mais que uma resposta original a uma situação concreta com o auxílio do Espírito Santo, porque “quando o Espírito Santo quer enriquecer a Igreja com uma nova Instituição de perfeição e apostolado, começa por suscitar um Homem com maiúscula, um grande homem ou uma grande mulher, uma personalidade insigne”⁷³, como a de Dom João de Oliveira Matos.

Dom João de Oliveira Matos percorreu toda a diocese em visitas pastorais e muitas vezes se deparou nas paróquias, com “almas de elite”, tal como se afirma na Ata da fundação da Liga dos Servos de Jesus: “na vida que levo há mais de três anos, percorrendo já mais de trezentas freguesias desta diocese, tenho encontrado homens e mulheres de tanta grandeza moral, que são verdadeiros jardins de virtudes. Quantas vezes até junto do altar, me tenho comovido ao contemplá-los”⁷⁴.

Diante estas pessoas muito se questionava sobre o porquê de Deus lhe dar este gozo espiritual, mas na sua humildade logo afastava a ideia de que Deus lhe ponha as pessoas para seu gozo espiritual. Dizia: “Mas, eu Senhor, sou um pobre pecador, só mereço castigos e não gozo, embora o meu coração se sinta feliz durante algum tempo, pois tendo sido criado para o prazer, sente-se bem gozando”⁷⁵.

Depois de muito refletir sobre todos estes benefícios que Deus lhe tinha colocado no seu caminho, eis que encontra uma resposta, um desejo de fundar uma Associação ou uma Liga.

“Depois de muito rezar, lembrei-me de fundar uma associação de almas apaixonadas de Jesus, que pudessem substituir a reparação que em Portugal se fazia quando havia ordens religiosas. O demónio não quer conventos hoje em Portugal: temos de arranjar um meio de iludir o

⁷³ A. RIBEIRO, *Caminho espiritual de D. João de Oliveira Matos e da Liga dos Servos de Jesus*, 9.

⁷⁴ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 186.

⁷⁵ *Ibidem*, 186.

demónio. Façamos de cada cidade, vila e aldeia, um convento de cem, duzentos frades e freiras que substituam as freiras de hábito, que o demónio e o mundo não querem”⁷⁶.

Foi com este intuito que Dom João de Oliveira Matos reuniu um pequeno grupo de leigas na Lajeosa do Mondego, pequena povoação no concelho da Guarda, no dia 11 de fevereiro de 1924, a fim de levar a cabo esta Liga que tinha como finalidade suprema a mensagem de salvação, “é preciso que Jesus volte a reinar em Portugal, na Diocese, na nossa terra, na nossa família, e, primeiro que todo, no nosso coração”⁷⁷.

Era um dia frio, como se esperava em fevereiro, mas ainda assim, das vinte cinco que se tinham inscrito não faltou ninguém, porque eram pessoas movidas pelo zelo apostólico do Visitador, que, por onde passou, deixou marca profunda e um testemunho que ainda hoje é bem conhecido. Decerto nem todas seguiram o ideal do fundador, mas estas vinte cinco deixaram tudo para se retirarem durante meia dúzia de dias em retiro, numa casa sem grandes condições.

Logo na noite de 11 de fevereiro, inicia-se o retiro e Dom João de Oliveira Matos comunica ao presentes como se decidiu fundar a Liga, e o que pretendia destes dias. Partindo dos textos bíblicos, do relato do início da vida pública de Jesus, da sua retirada para o deserto durante quarenta dias e quarenta noites, parte para a reflexão.

“Nós vimos também para o deserto do retiro a fazer penitência e a orar. Mas eu não vos peço e até vos proíbo o jejum. Mortificai a imaginação, os olhos, o gosto, a língua observando o silêncio com rigor para melhor ouvirdes a voz de Deus. Mortificai-vos ao levantar, não dando ao corpo nem um segundo depois da hora marcada pelo regulamento deste retiro. À mesa, eu de forma nenhuma quero que deixeis de comer, mas sem ninguém dar conta há muitas maneiras de vos mortificardes, comendo do que menos gostais... viemos para o deserto para nos prepararmos para a luta”⁷⁸.

E continua com o texto da transfiguração, como um convite para todas e cada uma se deixar renovar pela graça e pelo amor de Deus, com o propósito de se transformarem e

⁷⁶ *Ibidem*, 187.

⁷⁷ *Ibidem*, 188.

⁷⁸ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo II doutrina*, 72.

transfigurarem à sua imagem e semelhança, a fim de se instaurar um clima como aquele que cativou Pedro ao afirmar: “Mestre, é bom estarmos aqui” (Lc 9, 33). Com a sua humildade bem que procurou outro pregador que as pudesse instruir, mas não encontrou quem o pudesse fazer, como tal, dizia: “pedi muito a Nosso Senhor para que se não lembre do instrumento rombo que eu sou, mas que se lembre da sua infinita misericórdia para derramar graças abundantes nas vossas almas”⁷⁹.

Fez também menção do dia de início de retiro, 11 de fevereiro, dia do aniversário da aparição de Nossa Senhora em Lourdes, onde tantos peregrinos se deslocam em oração, muitas vezes com agradecimentos e outras com pedidos, muitas vezes implorando a cura e outras agradecendo a mesma. Dom João de Oliveira Matos quer-lhes transmitir que, a exemplo de Bernardete, também cada uma deve criar e sentir intimidade de oração, pois “no Tabor ouviu-se a voz de Deus, aqui também a ouvireis, se guardares o silêncio”⁸⁰.

Para terminar este primeiro encontro Dom João de Oliveira Matos faz uma prece, pedindo ao “Senhor que, se Ele não quiser a obra, a aniquile já, antes mesmo de lhe dar princípio! Se Deus quiser, esta Liga será fundada nesta Diocese e em todas de Portugal”⁸¹. Evocou também a bênção de Nossa Senhora, “para que seja uma obra de apostolado e reparação, porque vós não imaginais os sacrilégios que se cometem por este país fora”⁸².

Decerto que, logo após este momento inicial, estas que estavam a fim de seguir Jesus Cristo e levar a cabo o projeto que Deus revelou a Dom João de Oliveira Matos se viram a repetir como Santo Agostinho: “o cristianismo é uma verdade muito exigente: não se trata simplesmente de crer nela, mas de a viver”.

⁷⁹ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo II doutrina*, 73.

⁸⁰ *Ibidem*, 73.

⁸¹ *Ibidem*, 75.

⁸² *Ibidem*, 75.

Foi com esta intensidade que, ao longo dos seis dias de retiro, Dom João de Oliveira Matos as foi interpelando e provocando, a fim de que tivessem consciência crítica e pudessem avaliar cada situação com o mesmo olhar de Jesus, de ternura e amor, para com todos e cada um. De perto, podemos ver no segundo volume da obra, *Um bispo para o nosso tempo – doutrina*, as várias meditações que em cada dia do retiro da fundação e nos retiros posteriores foram sinal de reflexão, de proximidade e de encontro com Deus.

Na ata da fundação, está bem expresso que na Liga só deve entrar quem realmente quer voar e trabalhar por um bem maior.

“Eu não me importo de ter muitas associadas, o que desejo é telas que queiram ser santas e trabalhem para santificar os outros. Nesta obra não quero zangãos que só servem para fazer barulho, só quero obreiras. Se quiserdes inscrever-vos, podeis fazê-lo já, mas se alguma não tiver vontade, ou não se sentir com a resolução de trabalhar para este fim, se não der o nome, eu não levo nada a mal, nem fico tendo menos consideração por vós; porque eu, se vir que mesmo alguma das que se inscreveram não desempenharem o fim a que a obra se propõe, eu passo um traço sobre o seu nome sem me importar que digam que o Bispo é incivil ou intratável”⁸³.

Foi assim que nasceu a Liga dos Servos de Jesus, que inicialmente era constituída por servos externos, ou seja, por jovens e adultos, homem e mulheres, casados ou solteiros que no mundo e na situação presente de cada dia eram testemunhas vivas de Jesus, com palavras e obras, com gestos e ensinamentos, com a intuição de construir em cada espaço, um lugar de encontro com Deus e com os outros. Eram sem dúvida portadores da doutrina cristã, sem medo de se afirmar e de partilhar essa mesma força que o fundador lhes transmitia a cada passo.

Com o passar do tempo surgiu uma nova realidade, os servos internos, ou seja casas com membros da Liga que prestam serviço de apoio nas várias vertentes sociais e de ensino. A primeira casa foi a do Rochoso, que surgiu ainda no ano de 1924, ano da fundação da Liga e que ainda exerce o seu trabalho na atualidade, como poderemos ver mais à frente.

⁸³ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 213.

Na atualidade o número dos servos externos é bem reduzido em relação ao que se pode verificar durante a vida do fundador, pois, no ano da morte de D. João contavam-se “906 Servos Externos”⁸⁴. Hoje contamos com algumas dezenas de Servos Externos e 115 servas internas – o ramo masculino desapareceu há muito - espalhadas pelas 19 casas da Liga e 4 da diocese com a presença das mesmas.

⁸⁴ Constituições, pág. 73.

4. As atuais casas da Liga dos Servos de Jesus⁸⁵

A Liga surgiu e expandiu-se pela Diocese da Guarda e por outras dioceses onde se fazia sentir a sua falta. Ao longo do tempo estive em varias dioceses, mas com o tempo, o número das casas da Liga foi diminuindo, mas mesmo assim ainda existe um número considerável de casas na Diocese mãe, mas também noutras dioceses.

Neste sentido farei um pequeno apanhado sobre as casas atuais, em forma bipartida, ou seja, a forma como surgiu e a atividade atual da mesma.

Como podemos constatar mais a frente, as casas da Liga respondem a uma variedade de respostas sociais, entre as quais podemos destacar: creches, jardim-de-infância, A.T.L, lares para estudantes e trabalhadores, lares para crianças com problemas familiares, lares de 3º idade e colégios, entre outras valências.

4.1 Casas da Liga dos Servos de Jesus

As casas que se seguem referem-se, como o próprio titulo indica as casas da Liga, isto é, as casas que são propriedade da mesma Liga e nas quais se desenvolvem as respetivas atividades.

4.1.1 Casa de Santa Luzia – Guarda

A casa de Santa Luzia nasceu como Lar e Jardim de Infância e foi oferecido ao Instituto de São Miguel, a instituição jurídica que engloba as obras sociais da Liga dos Servos

⁸⁵ Nas páginas seguintes além da informação recolhida nos livros que ao longo do trabalho vou citando, contei também com a partilha da coordenadora/superiora de cada casa, a fim de poder expor com maior rigor a atualidade das mesmas.

de Jesus e que hoje tem a forma de Fundação, pelo Senhor Francisco Pinto de Balsemão, sendo inaugurada em 29 de setembro de 1973 e atualmente é a sede da liga.

Francisco Pinto de Balsemão doou, em primeiro lugar, a casa que herdara dos seus progenitores e que a Liga dos Servos de Jesus escolheu para Casa de Formação de jovens que quisessem viver o ideal da Liga como Servas de Jesus. Foi aí que a comunidade se instalou, em 1968, enquanto em frente crescia uma nova construção.

Em outubro de 1972 o edifício novo foi inaugurado como Residência de estudantes, sendo cerca de sessenta as jovens que se propõem continuar os estudos na Escola Industrial, Liceu, Magistério, Escola de Enfermagem, etc.

Em 29 de setembro de 1973 acontece a inauguração solene, pela então Secretária de Estado da Saúde e Assistência, a Maria Teresa Lobo e é nessa data que começa a funcionar o Jardim de Infância. Um ano mais tarde, em 1974, abre a valência de ATL e em 2008 a valência de creche integra também o mesmo Complexo.

Presentemente constituem a comunidade catorze irmãs, a maioria com idade bastante avançada. Procuram, conforme lhes é possível, através da oração, na proximidade com as crianças e seus familiares, na catequese, na animação litúrgica, concretizar o lema: “É preciso que Jesus Reine.” As quatro valências perfazem um total de duzentos e oito utentes, com um total de vinte e nove colaboradoras.

4.1.2 Centro de Assistência Social – Guarda

O Centro de Assistência Social da Guarda foi oficialmente inaugurado no dia 1 de agosto de 1943, pelo então Subsecretário de Estado da Assistência Social, Dr. Joaquim Dinis

da Fonseca, um dos primeiros servos de Jesus e em 22 de dezembro de 1981, por despacho do Ministro dos Assuntos Sociais, foi integrado no Instituto de São Miguel.

Em 1943, foi criado um Posto Médico para prestar assistência médica à maternidade e à 1ª infância, com consultas de pré-natal, pediatria e puericultura. Também em 1943, se iniciaram as Colónias Marítimas Infantis em Buarcos, na Figueira da Foz.

Em 1945, foi criada uma Cantina Escolar, onde se forneciam diariamente o pequeno-almoço, e ao meio dia, uma sopa e pão, a todas as crianças das escolas da cidade e periferia.

Em 1946, depois de adaptadas as respetivas instalações, foram integradas, no Centro a Cozinha Económica e a Sopa dos Pobres.

Também em 1946, surgiu a Obra dos Gaiatos para socorrer os adolescentes e jovens mais carenciados não só de pão material, mas de cultura e de pão espiritual. Esta atividade começou com aulas noturnas orientadas por professores profissionais, que generosamente se deslocavam ao Centro todas as noites. A Escola dos Gaiatos não seria completa sem um Lar para os “sem família”, e assim foi criado quase em simultâneo o Lar de São José Operário.

Seguindo ainda a ordem cronológica, em 1951 e após a adaptação das respetivas instalações, começou a funcionar em pleno uma Creche e um Jardim de Infância.

Em 1957, por iniciativa de um grupo de “Gaiatos”, foi criada a Associação Cultural e Desportiva, tendo por objetivo desenvolver a cultura e o desporto, transformada depois na Associação Desportiva da Guarda.

Presentemente o centro social, com as valências de creche e o Jardim de Infância, acolhe diariamente mais de cento e setenta crianças dos 3 meses aos 6 anos, sendo que as instalações são compostas de berçário, receção, salas, refeitório, salão e espaço exterior com vários

equipamentos para o bem-estar das crianças. Integradas na instituição, as crianças podem ainda ter aulas de música, ginástica, natação e karaté.

4.1.3 Centro de Acolhimento S. João de Deus - Guarda

O Centro de Acolhimento de São João de Deus surge numa época em que, no concelho da Guarda, só existiam os Lares da Misericórdia e ainda se não pensava em Cuidados Continuados. Eram muitos os doentes que tinham alta do hospital sem resposta apropriada para a sua condição de total dependência. Sentia-se a necessidade de uma estrutura que apoiasse as famílias envolvidas nestas situações.

Como Deus nunca falta com meios para responder às necessidades, servindo-se, embora, da cooperação dos homens, esta apareceu na generosidade de um casal que ofertou o terreno com esse objetivo.

Aproveitando esta generosidade, a Associação Católica dos Enfermeiros e Profissionais de Saúde, a quem a oferta foi feita em primeiro lugar, sentindo-se incapaz de levar por diante tão ambicioso projeto, e deixando-se orientar pelo Assistente Espiritual que era ao tempo o Assistente Geral da Liga dos Sevos de Jesus, Associação Pública de Fiéis, aceitou o apoio da mesma Liga, por reconhecer nela, pelas provas sobejas de realizações feitas, capacidade para concretizar a obra. Sem a Liga a obra nunca iria por diante. Esta dedica-se exclusivamente a cuidar de pessoas idosas, doentes, acamados em fase terminal, em estreita colaboração com a família, sem horário de visitas a cumprir.

A partir daqui foi elaborado um Estatuto que confia à Liga a presidência da Direção da Casa e passou a haver a permanência contínua de uma comunidade de Irmãs que acompanham os utilizadores, em número de cento e trinta e dois, dia e noite, respondendo a cada situação. São coadjuvadas por um grupo de sessenta empregadas, enfermagem continua,

dois médicos, fisioterapeuta, serviço social, animadoras sociais e um grupo de voluntárias, que fazem um acompanhamento a todos.

Há uma assistência espiritual esmerada, tendo a celebração diária da Eucaristia e outros atos de piedade que muito confortam os utentes e funcionários. A espiritualidade que caracteriza a Liga dos Servos de Jesus é sem dúvida a Adoração Eucarística, a devoção a Nossa Senhora e o amor à Igreja que se vive no quotidiano.

A realização deste projeto foi colocada sob o patrocínio de S. João de Deus, para que os utilizadores deste Cento encontrem nos cuidadores o mesmo carinho e amor com que o S. João de Deus cuidava os pobres e miseráveis da época.

4.1.4 Abrigo Infantil da Sagrada Família – Sequeira

Durante algum tempo a Liga teve, na Guarda Gare, um internato de rapazes, que depois foi transferido para o Abrunhal. Em 3 de janeiro de 1944 voltou a abrir com um semi-internato para crianças de ambos os sexos, em novas instalações inauguradas em 30 de julho de 2005.

O Abrigo Infantil da Sagrada Família conta atualmente com quarenta e seis colaboradores para trezentas e sessenta crianças que integram a creche, o pré-escolar e o ATL.

4.1.5 Outeiro de S. Miguel

Dom João de Oliveira Matos muitas vezes se deslocou à Guarda, principalmente na ausência do Senhor D. José Alves Matoso, e foi numa destas deslocações que lhe chamou à

atenção o “sítio da pombeira”, um lugar bem situado, e em conversa com Alberto Diniz da Fonseca, o seu maior colaborador, concordaram em iniciar a obra dos rapazes.

Assim, a 17 de abril de 1925, foi constituída a SPES (Sociedade de Produção e Educação Social), formada por homens de absoluta confiança, que compraram, a 8 de maio de 1926, o dito lugar à sociedade inglesa “Guarda Radium Company Limited”, que tinha ali um couto mineiro, cercado por um muro, a toda a volta. Como a compra foi feita no dia da Aparição de São Miguel no Monte Gargano, o Dr. Alberto lembrou-se de batizar o lugar com o nome de “Outeiro de São Miguel”. Como Dom João de Oliveira Matos veio a concordar, o sítio ficou a ser assim conhecido.

Na vigília do Natal de 1927, Dom João de Oliveira Matos celebrou a primeira missa no Outeiro de São Miguel, sobre um banco de carpinteiro que serviu de altar. Depois da consoada, fez o chocolate da praxe, tomou-o com os rapazes que acomodou numas camas de palha, pois ainda não havia leitos. Ajeitou-lhes os cobertores e, de madrugada, voltou para o Rochoso, muito pesaroso por ter quebrado o jejum e não poder, por isso, celebrar missa no dia de Natal.

No dia 8 de janeiro de 1928, depois duns arranjos rudimentares nos barracões, instalou-se no Outeiro de São Miguel a primeira comunidade masculina, que ficou confiada ao Pe. Moro. Fez-lhes um retiro de três dias e, a 13 de janeiro de 1928, foi a inauguração oficial. Pouco depois, vieram as máquinas do Rochoso e as “Oficinas de São Miguel” que puderam imprimir já o “Amigo da Verdade”. Nascia para Dom João de Oliveira Matos uma grande esperança.

Esta comunidade masculina nasceu em 1926 fruto do conhecimento de tantos jovens que o Fundador encontrava nas Visitas Pastorais. Também eles faziam parte do sonho em

construir o reino de Deus. Para além das comunidades femininas, que foram crescendo a partir de Junho de 1924, também as comunidades masculinas de Servos teriam o seu lugar.

Atualmente na Liga dos Servos de Jesus não existem comunidades masculinas, apesar de as últimas Constituições de 2004 pedirem um esforço de todos para a sua restauração. O Outeiro de São Miguel é a casa da Liga a volta da qual todas as outras se mantêm ligadas.

4.1.6 Casa de Trabalho Jesus Maria e José – Rochoso

A Casa de Trabalho Jesus Maria José foi fundada a 13 de junho de 1924 por D. João de Oliveira Matos e foi a primeira comunidade de servas internas.

O Senhor Dom João teve como primeiros colaboradores o doutor José Dinis da Fonseca, bem como o Cónego Domingos João Pires para dar resposta às inúmeras necessidades de ordem material e espiritual da pequena aldeia, essencialmente rural.

Atualmente funcionam as seguintes valências: Creche e pré-escolar com quarenta crianças, Lar de Infância e juventude com doze jovens, Lar de Idosos com trinta utentes e Centro de Dia com dez utentes.

A vivência do Ano Litúrgico, festas, catequese, passeios, convívios, retiros, quermesses são algumas das atividades que se fazem ao longo do ano, onde se procura acolher cada elemento com alegria, carinho e amor onde a fé e esperança são o elo de união entre todos.

4.1.7 Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca – Cerdeira

A casa e comunidade da Cerdeira teve o seu início na casa de família do desembargador José Dinis da Fonseca, após a sua morte, ocorrida a 5 de fevereiro de 1931. Logo em outubro desse ano, a sua casa foi destinada a Colégio masculino e a escola noturna, sob a orientação do Dr. Alberto Dinis da Fonseca. A capela abriu ao público em 4 de novembro e a 8 de dezembro do ano seguinte iniciou-se a Adoração diária ao Santíssimo Sacramento, do nascer ao pôr-do-sol. Quando em 24 de maio de 1938 o colégio masculino se transferiu para o Outeiro, esta Casa ficou destinada a colégio feminino, até então instalado no Rochoso, tendo iniciado as suas atividades em outubro de 1939. Nesta data, assumiu a orientação da Casa a serva Maria Cândida Dinis da Fonseca e a sua irmã Palmira Dinis da Fonseca transitou para o Outeiro.

No ano letivo 2015/2016 a Escola Regional Doutor José Dinis da Fonseca, com Contrato de Associação, leciona já no 2º e 3º ciclo com cinco turmas, do 5º ao 9º anos de escolaridade, o que perfaz noventa alunos matriculados. Para além das servas, conta ainda com a colaboração de dez professores, quatro vigilantes, oito auxiliares dos serviços gerais e um motorista.

No mesmo edifício encontra-se também o Centro de Assistência Social onde funciona a creche e o jardim-de-infância com um total de dezassete crianças, os quais tem para sua orientação uma educadora, duas auxiliares e três funcionárias.

4.1.8 Casa Cristo Rei – Ruvina

A casa de Cristo Rei, na Ruvina, era a casa de residência da família de D. Isabel Maria Cancela Correia Dinis da Fonseca e recebeu inicialmente o nome de Casa de Nossa Senhora

de Fátima, porque, no dia 13 de maio de 1934, foram admitidas crianças de tenra idade a quem deram o nome de “Pupilos de Nossa Senhora de Fátima”. Foi nesta casa que se realizaram os primeiros retiros, porque segundo o desejo do Fundador as casas (comunidades) eram fundadas para que nelas se orientassem retiros, se rezasse e prestasse ajuda aos mais carenciados.

Nesta linha de orientação, foi construída a Casa de Cristo Rei, onde se instalaram as aspirantes a Servas, assumindo a orientação a serva Maria Cândida Correia Dinis da Fonseca e onde se deram frequentes retiros. Junto a esta Casa, construiu-se a Casa de S. José, destinada aos sacerdotes. Foi aqui que o fundador elaborou as primeiras Constituições da Liga. Em 1940 começou a funcionar um Lar para crianças e jovens em risco e, em 17 de outubro de 1977, uma creche, jardim infantil e ATL.

Na atualidade a Casa Cristo Rei tem varias vertentes, das quais se enumeram: Lar de Infância e Juventude, com um total de dez crianças e jovens; a Creche com duas crianças; o Jardim-de-infância com doze crianças; as Atividades e Tempos Livres com dez crianças; e ainda o Protocolo refeições 1º ciclo com o Município do Sabugal para vinte crianças.

No ano letivo 2015/2016 a casa contou ainda com a presença de sete Irmãos e oito colaboradores (uma assistente social, três educadoras sociais, uma educadora de infância, uma cozinheira, um ajudante de ação educativa e um auxiliar de serviços gerais).

4.1.9 Lar D. Isabel Trigueiros – Fundão

O Lar Dona Isabel Trigueiros funciona desde 1947 (foi doado ao Instituto São Miguel em 29 de agosto de 1947) e por estar integrado em meio urbano, tem proporcionado uma maior oferta nos percursos de vida, profissional e académicos das jovens que têm estado sob a

tutela legal do Instituto de S. Miguel, assim como de outras crianças e jovens que residem em meio rural, que, para poderem prosseguir os estudos, residiam neste Lar.

Nunca foi celebrado qualquer Acordo de Cooperação com os respetivos Centros Distritais da Segurança Social ou outra entidade pública, tendo a sua sustentabilidade financeira sido conseguida com o recurso a donativos particulares e mensalidades pagas, ainda que mínimas, por algumas jovens ali residentes. Presentemente as mensalidades das jovens residentes são residuais. Algumas das jovens, com “Medida de Promoção e Proteção” frequentam estabelecimentos de ensino no Fundão, Covilhã e Castelo Branco, outras jovens, não tendo qualquer apoio de retaguarda familiar, mas com reais necessidades económicas, aqui permanecem até atingirem a sua independência e constituírem a sua família.

Todo o trabalho executado nesta Instituição é realizado por três membros da Liga dos Servos de Jesus em colaboração com as respetivas jovens residentes. Atualmente o Lar tem doze crianças e jovens, provenientes de diferentes estatutos sociais.

4.1.10 Centro de Convívio Santo António – Orca

Na Orca, na zona sul da Diocese da Guarda, quase no limite da fronteira com a Diocese de Portalegre-Castelo Branco, a casa da Liga surge a 19 de março de 1960, com uma creche destinada a crianças.

Atualmente transformada em Centro de Convívio Santo António apresenta duas respostas sociais: Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário. O horário de funcionamento da instituição é das 8:00 às 18.00, encerra nos Domingos e Feriados religiosos. Possui cinco funcionárias sendo uma delas a irmã responsável.

Em Centro de Dia, existem vinte e quatro utentes aos quais são prestados todos os serviços que a instituição disponibiliza: o serviço de transporte (domicílio/instituição e instituição/domicílio); os cuidados de higiene pessoal, diária ou semanal, consoante a necessidade do utente; a alimentação quatro vezes ao dia (Pequeno almoço/ almoço/ lanche/ jantar).

Para além da assistência médica, também fornece a higiene das habitações de acordo com a necessidade do utente, podendo ser semanal ou quinzenal.

Para o tratamento de roupa, é atribuído a cada utente um número de identificação e esta é lavada e engomada na instituição. Sempre que necessário faz-se o acompanhamento ao exterior essencialmente para deslocação a consultas médicas. Sempre que possível existem ainda na instituição, atividades de animação sociocultural. Os utentes do Apoio Domiciliário são convidados a participar nas atividades.

Em Serviço de Apoio Domiciliário existem quinze utentes e nesta resposta social os serviços que a instituição disponibiliza são os mesmos do Centro de Dia. Cada utente apenas contratualiza os serviços que necessita, e é sempre possível acrescentar mais serviços de acordo com as necessidades do utente.

4.1.11 Abrigo dos Pequeninos N. Sra. Conceição – Covilhã

Fundado pelo Cónego José de Andrade, antigo pároco da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, na Covilhã, foi o Abrigo dos Pequeninos integrado no Instituto de S. Miguel em 8 de dezembro de 1952, com as valências de creche e jardim-de-infância.

Atualmente o Abrigo dos Pequeninos Nossa Senhora da Conceição, presta serviço a setenta e seis crianças, sendo que trinta e seis frequentam a creche e os restantes quarenta o

jardim. O edifício é grande e tem as respetivas condições para o bom acolhimento, bem como para a boa lecionação.

Na organização de todas as atividades temos a presença de duas servas e contam ainda com a presença de quatro educadoras, seis auxiliares e outros dois funcionários.

4.1.12 Centro de Convívio D. Maria de Lurdes Almeida – Alcaria

O Centro de Convívio D. Maria de Lurdes Almeida Silva e Sousa, com as valências de Creche, Jardim-de-Infância e A. T. L., situa-se na freguesia de Alcaria, no concelho do Fundão, na Avenida D. Maria de Lurdes Almeida Silva e Sousa, nº 8. É um dos pólos do Instituto de São Miguel, com carácter de Instituição Particular de Solidariedade Social. No ano letivo de 2015/2016 contou com a presença de quarenta e três crianças.

O principal objetivo da Instituição é um serviço à família, colaborando na formação integral das crianças nela inscritas nas suas vertentes humana, cultural, social e cívica. Respeitando todas as confissões religiosas, a ação rege-se pelos valores da Religião Católica seguindo como norma o Evangelho e como modelo Jesus Cristo.

De harmonia com o compromisso do Instituto de São Miguel e no desejo de colaborar com a Família tradicionalmente cristã, a todas as crianças é feito o despertar religioso para Deus, aproveitando particularmente o Natal, Páscoa e todas as ocasiões e perguntas da criança numa forma acessível à capacidade de cada um.

As atividades prestadas pela Liga definem-se em apoio sócio-familiar na promoção do acolhimento, guarda, proteção, segurança e de todos os cuidados básicos necessários a crianças. Na vertente da retaguarda à família, durante o tempo parcial de afastamento da criança do seu meio familiar, através de um processo de atendimento individualizado e de

qualidade, que inclui serviços direcionados aos cuidados básicos de alimentação, higiene e saúde.

O esforço dos que acompanham as crianças e jovens é canalizado para o desenvolvimento global e íntegro de todos e de cada um, e por isso são desenvolvidas várias atividades como a promoção de festas, projeção de filmes infantis, audição de música, passeios no campo, jardins, parques verdes e outras visitas.

4.1.13 Casa de Cristo Rei – Manteigas

Em Manteigas, nos finais de 1927, a Família Cunha Matos oferece à Liga um edifício para instalações de um Patronato – a Casa de Cristo Rei. A casa serviu as crianças de Manteigas e também servia e distribuía sopa às pessoas carenciadas da Vila. É de salientar aqui a generosidade e entrega de tantas servas externas que doavam géneros e ofereciam os seus trabalhos.

Mais tarde a serva externa Dona Gertrudes doou a casa onde funciona agora o Internato. A Liga continua a apoiar as jovens de Manteigas e abriu um internato para rapazes na Casa de Cristo Rei, valência que veio a encerrar quando abriu “O Beiral” doado pelo comendador Joaquim Rabaça da Mota Veiga, com o fim de abrigar as crianças necessitadas do Concelho de Manteigas e perpetuar a memória da sua filha Eduarda de Carvalho da Mota Veiga.

Na Casa de Cristo Rei abriu um Jardim-de-infância que recebia crianças dos 3 meses até aos 7 anos. Funcionou até à abertura do Favo de Mel (Jardim Infantil da Segurança Social), sendo depois transferidas para lá.

Na mesma Casa, após ter sido fechada a Creche e o Jardim de Infância, abre o ATL, que ainda hoje se mantém.

Atualmente na comunidade estão quatro servas de Jesus. Na proximidade com as crianças e seus familiares procuram evangelizar, formar e transmitir valores. Colaboram na paróquia como ministras extraordinárias da comunhão e participam nas atividades que a mesma paróquia promove.

Subsistem, hoje, duas valências: Lar de Infância e Juventude, com vinte adolescentes e jovens e em A.T.L., com cinquenta e cinco crianças. Tem onze colaboradoras nas duas valências.

4.1.14 Da Casa de Nossa Senhora Rosário do Fátima – Fátima

A casa de Nossa Senhora do Rosário de Fátima é a última a ser aberta durante a vida do fundador e surge, no ano de 1961, como um desejo do mesmo de as servas permanecerem de maio a outubro em Fátima. Na altura houve alguma controvérsia, mas atualmente dá-se conta que foi sem dúvida uma grande aposta, não só para a Liga mas também para a Diocese e para tantos que dos diversos pontos do país se dirigem a Fátima e ali encontram abrigo.

Atualmente esta casa é também casa de repouso e de acolhimento e conta com a presença de três servas durante todo o ano, às quais com regularidade se juntam outras de passagem.

4.1.15 Da Casa de S. Pedro – Buarcos

A Comunidade de São Pedro de Buarcos é constituída por duas Irmãs. Não existe, neste momento, colaboração na Paróquia devido ao reduzido ao número de Irmãs.

A Comunidade Religiosa tem os vários momentos de oração, e um deles está aberto à comunidade envolvente. Assim, todos os dias, entre as 15h e as 16h, realiza-se uma hora de adoração ao Santíssimo com a participação de pessoas da localidade de Buarcos.

O estabelecimento Casa de São Pedro tem a funcionar, neste momento, as respostas sociais de Creche e Pré-escolar. Trabalham nesta Instituição dezoito funcionárias: quatro educadoras de infância; uma Agente de Educação Familiar; cinco Auxiliares de Ação Educativa; seis Auxiliares de Serviços Gerais; uma Cozinheira; e uma Ajudante de Cozinheiro.

No passado ano letivo de 2015/2016 este estabelecimento de educação teve a frequentar oitenta e três crianças; trinta e cinco na Creche e quarenta e oito no Pré-escolar. Na Creche estão a funcionar três salas: Berçário, 1 ano e 2 anos, e no Pré-escolar estão a funcionar três salas: 3 anos, 4 anos e 5/6 anos.

4.1.16 Do Patronato da Sagrada Família – S. Romão

O Patronato da Sagrada Família localizado na vila de São Romão –Seia, hoje pertença da Liga dos Servos de Jesus, funcionou, desde 1922, anterior à fundação da Liga, como obra social criada por duas irmãs: Dona Ana Martins Nogueira e Dona Alfreda Martins Nogueira, sob a influência de D. João de Oliveira Matos, enquanto Visitador Diocesano e antes de ser nomeado Bispo Auxiliar da Guarda. Estas duas senhoras colocaram as suas vidas e bens em favor das carências e necessidades desta população.

Em 1946 foram solicitadas as Servas de Jesus para continuarem a exercer esta atividade social e educativa adaptando-se sempre às normas vigentes exigidas.

Esta casa integrada nas IPSS desde 1944 e segundo as normas dos Estatutos do Instituto de São Miguel, tem como principal objetivo interagir no meio para dar resposta às carências pontuais existentes.

Assim, cada uma das servas, na medida das suas capacidades, exerce a sua atividade junto das crianças, das famílias e dos grupos onde é solicitada a sua presença.

Convém reforçar e especificar os objetivos da ação das servas: junto das crianças, dão especial atenção aos valores humanos, culturais, morais e sobrenaturais adaptados sempre à sua idade e mentalidade

Atualmente, em regime de semi-internato, tem as valências de Creche e Jardim de Infância com setenta e duas crianças, mas com capacidade de cinquenta para cada valência.

Dentro do Projeto Educativo trabalham na instituição as três Servas de Jesus, treze funcionárias e três professores.

É seguido um Projeto anual e Plano mensal com atividades com as crianças não só na instituição, mas também inseridas no meio e em colaboração com as coletividades da freguesia e do concelho; tudo em vista ao seu desenvolvimento integral nos aspetos psíquico, cognitivo e motor.

A comunidade das Servas de Jesus empenha-se nas ações da Igreja Paroquial, na Liturgia e no serviço da caridade.

4.1.17 Abrigo da Sagrada Família – Lagarinhos

O Abrigo da Sagrada Família foi registado em 08 de fevereiro de 1984 no livro dois das Fundações de Solidariedade Social, folhas nº 36 e verso sob o nº 8/84 e revelando-se

como especialista na Educação e Formação de Jovens; trabalhando nas valências ensinos pré-escolar, 1.º, 2.º e 3.º Ciclos; apoio à 3.º Idade e ainda Serviços de Tipografia Formação Profissional.

Esta Instituição nasceu porque o Manuel Ribeiro, natural de Passarela e casado em Lagarinhos com Laura de Almeida e Sousa, doou esta Quinta ao Instituto de S. Miguel, depois de largos África, onde amealhou fortuna e desenvolveu intenso apostolado.

Tendo intenção de doar a casa com quinta para uma instituição de caridade, aconselhou-se com o respetivo Pároco, na altura o Reverendo Pe. José Coelho, o qual o encaminhou para a Liga dos Servos de Jesus.

Esta casa abriu a 21 de novembro de 1956, com a Serva Palmira Amaro Teixeira como responsável e, já na altura, a grande atividade era a assistência aos pobres, bem como o regime de semi-internato para as crianças em idade pré-escolar. Dispunha também já então, de um posto médico.

No ano de 2002 o referido edifício foi parcialmente destruído, devido a um incêndio provocado por um curto-circuito, no local dos arrumos, o que obrigou a uma remodelação total do mesmo.

Atualmente as valências a que se dedica são a creche, a pré-escola e o A.T.L. A creche dos quatro meses aos três anos, conta com um berçário, uma sala de atividades. O pré-escolar dos três aos seis anos, conta com uma sala de atividades. O A.T.L. dos seis aos doze anos, conta com duas salas de atividades.

No espaço exterior contam com um prado verdejante onde as crianças podem brincar de diversas formas, contando com baloiços, escorrega, labirintos, caixa de areia, etc. No espaço interior têm o salão polivalente, a sala de televisão e de tempos livres, bem como o refeitório.

O horário praticado é de segunda a sexta-feira das 7H30 às 19H30. Estes jovens contam ainda com algumas atividades extra como a natação nas piscinas municipais de Gouveia.

4.1.18 Da Casa Dom João Oliveira Matos – Celorico da Beira

Esta casa pertenceu a um casal abastado de Celorico da Beira, que pelo fato de não ter descendência decidiu doá-la à Ligas dos Servos de Jesus para ser “casa de crianças”. A instituição tem o nome de casa Dom João de Oliveira Matos fundador da Liga dos Servos de Jesus, pelo fato de ter exercido funções da sua vida pastoral nesta vila.

A abertura desta instituição deu-se em setembro do ano de 1990. A casa construída em granito com dois pisos, com grandes portões de ferro, que dão entrada para o parque e uma escadaria em pedra que dá acesso à entrada principal do edifício, é considerada uma casa típica de habitação da beira alta. Na instituição existem três valências, creche, jardim-de-infância e A.T.L.

No ano letivo 2015/2016, no piso de baixo funciona a creche, com a sala do berçário e as idades das crianças são entre os cinco meses e até à aquisição da marcha, e estão presentemente nove crianças. A sala das crianças 1/2 anos conta com catorze crianças. A sala dos 2/3 anos conta com doze crianças e a sala dos 4 anos conta com catorze crianças. Existe também um ginásio, local polivalente (entrada/saída das crianças na instituição, espaço para a sesta, para a prática da educação física, karate, dança, TV).

No piso superior funciona a sala dos 5 anos com catorze crianças e a sala do A.T.L. com quarenta e três crianças, a cozinha, o refeitório e varias salas onde decorrem sessões das várias terapias para as crianças com necessidades educativas especiais.

4.1.19 Centro de Espiritualidade Dom João de Oliveira Matos – Kilenda – Angola⁸⁶

A expansão da Liga dos Servos de Jesus verificou-se, predominantemente, na Diocese da Guarda, mas também com a criação de comunidades noutras dioceses e, a cinco de Setembro de 2008, além mares...em outro continente.

O carisma da Liga, dom do Espírito Santo, concedido ao seu Fundador, leva algumas pessoas a viver mais intensamente a caridade de Cristo, tornando-se fermento ativo de renovação da fé, tendo como divisa: “É PRECISO QUE JESUS REINE!”

A missão da Liga insere-se na missão da Igreja, contemplando as seguintes ações: evangelizadora (anúncio da Boa Nova; catequese...); santificadora (oração...); sócio caritativa (prática das Obras de Misericórdia...)

A missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento. Esta missão apela a um empenho com todas as forças no seu serviço.

É o Espírito que impele a anunciar as grandes obras de Deus! (S. João Paulo II).”Porque se anuncio o evangelho, não tenho que me gloriar, pois que me foi imposta esta obrigação: ai de mim se não evangelizar!” (1Cor 9,16)

Chamadas pelo Senhor, em Igreja, para cooperarem na missão anunciadora, redentora e reparadora de Cristo, as Servas de Jesus, convidadas a sair em missão, dão um sim entusiasta... “*Povos todos, abri as portas a Cristo!*”

Ei-las que partem, um trio cheio de boa vontade, duas Irmãs Servas e uma enfermeira voluntária, sexagenárias, aposentadas...mas muito “vivas” na Fé. Estas Irmãs trocam o

⁸⁶ Esta é a ultima casa edificada além da fronteira, e vai de encontro do que o seu fundador pedia bem como também vai ao encontro do que nos tem vindo a desafiar o Papa Francisco, a necessidade que temos de “ir ás periferias”, de “ser uma Igreja em Saída”. O texto que se segue é totalmente um testemunho de quem por lá passou, presenciou e vivenciou a realidade que tão diferente da nossa se pode constatar.

“aconchego” pelo “incerto”; estas Irmãs deixam a terra, a “Casa”, a família, os amigos, a qualidade de vida...e “embarcam” no desconhecido: povo, língua, costumes...Estas Irmãs “aterram” na Angola profunda, na província de Kwanza Sul, no Município da Gabela, são acolhidas pelas Irmãs de outra Congregação amiga – as Irmãs do Bom Pastor - e aceitam o teto que generosamente lhes é oferecido.

Haviam passados apenas seis anos desde o final de uma guerra que deixou bem patente as marcas de destruição e dos malefícios inerentes...

Nas suas viagens de itinerância, em fins-de-semana, acompanhando os Padres da *Boa Nova*, Catequistas e Visitadores de Zonas, aos diversos Centros que se localizam à volta do município da Gabela (alguns a distâncias consideráveis) podiam vivenciar as dificuldades concernentes às acessibilidades, à higiene, à qualidade de vida, (falta das condições mínimas: luz, água potável, água canalizada, casa condigna – requisitos essenciais à dignidade humana) à saúde, à educação, ao ensino...

Este grupo de sacerdotes, Irmãs, Catequistas..., que gostariam de fazer a diferença, sentiam alguma frustração porque, eram tantos os problemas, tantas as solicitações, tantos os desabafos que se sentiam impotentes...pequeninos. Faziam, sobretudo, o que melhor sabiam: “escutar” com verdadeira (com) paixão, olhos nos olhos, e, complementando, “partilhavam a comunhão” com palavras de fé e esperança.

Entretanto, a Gabela tem vindo a recuperar a sua beleza...foram criadas infra estruturas que incitaram ao desenvolvimento. As Irmãs dedicaram-lhe três anos das suas vidas e, guardam boas recordações, nomeadamente a admiração, o carinho e a gratidão do seu povo.

“Os pássaros fazem os ninhos, escondem aí os ovinhos e...nascem os filhinhos. Os pássaros alimentam as crias e ensinam-nas a voar...depois, estas, seguem o seu “destino”. As Irmãs Servas de Jesus, após um período de identificação do “terreno”, de

aprendizagem/experiência, também construíram o seu “ninho”, a “Casa”, a “Comunidade”, o “Centro Missionário D. João de Oliveira Matos”, no Município de Quilenda, a 30 kms da Gabela. Aí falta praticamente tudo: energia, água canalizada, estrada alcatroada (tem estrada de terra batida que, com as chuvas, se transformou num caminho de fendas profundas...lamaçal e propício a capotagens), transporte público, saneamento, casas condignas...A Igreja paroquial de Nossa Senhora de Fátima da Quilenda, o “coração” da Quilenda, pelo menos para os cristãos católicos, é um livro aberto da história angolana recente: as paredes manchadas e esburacadas, as janelas sem vidros, as chapas do telhado desmanteladas, os azulejos danificados, o chão degradado, os bancos toscos e marcados pelas sujidades/excrementos de um ou outro pássaro mais atrevido que sobrevoa naturalmente mesmo durante as cerimónias religiosas...a imagem de S. José está marcada por uma bala que a atravessou.

As Irmãs Servas de Jesus, a pedido de D. Benedito Roberto, na altura Bispo do Sumbe e atualmente Arcebispo de Malange, fixaram residência aqui e rasgam caminho para que Jesus Reine...

O Centro Missionário D. João de Oliveira Matos é uma construção/estrutura em U, com um espaço verde ao centro, assim constituído:

- A Comunidade das Irmãs Servas de Jesus, cuja vida tem sentido à volta da “lareira” – capela – local privilegiado de oração (Liturgia das Horas, Recitação do Rosário, Adoração ao Santíssimo, Meditação, Retiro, Eucaristia (ocasiões especiais).

- O Lar/Vocacionadas, onde residem 9 jovens, com idades compreendidas entre os 13 e os 24 anos. Estas estudam nas Escolas da Quilenda, participam nas atividades da Paróquia (grupo de jovens IAM, grupo coral e outros) e cumprem o horário comunitário das Irmãs.

- A Escola Primária D. João de Oliveira Matos, a funcionar com 225 alunos e 6 professores, com turmas da 1^a, 2^a e 3^a classes e com salas de Explicações/Apoio Pedagógico Acrescido.

A Escola Primária é uma estrutura em U com um espaço verde ao centro e um *ojango* (local onde o povo se reunia para os encontros com os chefes da comunidade e discutiam os seus problemas). Aqui, as crianças, nos tempos livres/intervalos aprendem a divertir-se “provocadas” pela alegria, espontaneidade, amor fraternal, sentido de partilha, da “Missionária”. É um recreio muito animado: há música, há dança, há jogos, há corda, há roda, há sorrisos, há gargalhada...

Este espaço é fundamental, é uma área utilizada em diversas situações: Retiros, Formações, Encontros (Escuteiros, Catequistas, Jovens IAM,) Catequeses, Salinha de Cinema, Salinha de Teatro, Mini Conferências...

A Comunidade das Irmãs Servas de Jesus na Quilenda participa nas atividades da Paróquia, nomeadamente na Igreja/edifício (limpeza, asseio dos altares, asseio das toalhas...), Igreja/culto (Oração das Laudes, Leituras, Salmos, Cânticos, Via Sacra “viva”, Recitação do Rosário, Adoração ao Santíssimo, Procissão de Nossa Senhora de Fátima da Quilenda (noite de 12 de Maio) – ornamentação do andor de Nossa Senhora – adereços alusivos a Festividades... e Igreja/Caridade (visita aos doentes, aos tristes, aos enlutados; animação das crianças dos/nos Bairros...

A Comunidade das Irmãs Servas de Jesus é uma comunidade aberta, é uma passagem, é uma ponte, é um porto de abrigo, uma referência...

O Centro Missionário D. João de Oliveira Matos pretende realizar o ideal divino da caridade, pretende ser um Centro de verdadeira caridade.

4.2 Casas diocesanas com a presença da Liga dos Servos de Jesus

As casas que se seguem, referem-se, como o próprio título indica as casas da Diocese, isto é, as casas que são propriedade da Diocese, mas que contam com o apoio das servas para o bom funcionamento das mesmas.

4.2.1 Centro Apostólico Dom João de Oliveira Matos – Guarda

O Centro Apostólico Dom João de Oliveira Matos é propriedade da Diocese da Guarda, mas está, entregue aos cuidados da Comunidade das Servas de Jesus a quem foi confiada a tarefa do serviço e orientação do mesmo edifício, embora com a supervisão de um Diretor nomeado pelo bispo diocesano.

Quanto às atividades desenvolvidas neste Centro têm sido as que lhe foram atribuídas aquando da sua abertura em 8 de maio de 1988, a saber: Retiros, Encontros, Ações de ordem espiritual, humana, cultural, recreativa e outras.

É uma casa de portas abertas e acolhe os serviços diocesanos nas mais diversas vertentes, tais como: os ministros extraordinários da Comunhão; Jornadas de Pastoral; Pastoral Familiar; Escola de Cursistas; Encontros de Vida consagrada; Festa dos meninos do Centro de Assistência; Recoleção mensal de um grupo de sacerdotes; Reuniões de Arciprestes; Conselhos Pastorais; e grupos isolados de pessoas da Diocese e fora dela.

4.2.2 Paço Episcopal - Guarda

Desde o início da fundação da Liga que uma das vertentes era ajudar e acompanhar os sacerdotes na sua missão. Como tal, há muitos anos têm sido prestados serviços no Paço Episcopal por membros da Liga dos Servos de Jesus.

Atualmente estão duas irmãs que fazem os serviços necessários à casa episcopal: cozinha, roupa, limpezas, horta, jardim, atendimento ao telefone, porta e também trabalhos de secretaria.

Na paróquia as duas servas colaboram na catequese, em dias diferentes, participam no grupo coral na missa da Sé, às 11.30 h, e uma irmã na distribuição da sagrada comunhão na missa ao domingo e visitadoras de doentes.

Todas as segundas feiras, das 22 h às 23 h da noite faz-se uma hora de adoração com o Santíssimo solenemente exposto em espírito de reparação e pela santificação dos sacerdotes e pelas intenções da Igreja. A primeira parte é feita em particular e em silêncio e a segunda rezando em conjunto. A adoração é feita pelas duas Irmãs e pelas pessoas que habitualmente vivem na Casa Episcopal.

4.2.3 Seminário Maior – Guarda

O Seminário da Guarda conta atualmente com a colaboração de duas servas que estão, como o seu fundador pretendia, ao serviço dos futuros sacerdotes.

Também acompanham a casa sacerdotal, que atualmente se encontra numa das alas do Seminário. Trabalham incansavelmente pelo bem de todos aqueles que estão a sua volta, segundo o espírito do seu fundador.

4.2.4 Centro Cultural – Covilhã

O Centro Cultural da Covilhã, conta com a presença de quatro servas internas que ajudam em diversos aspetos, tais como a catequese e os grupos corais, e no serviço aos cinco sacerdotes que nele habitam. No âmbito social acolhem, ainda que temporariamente, pessoas maltratadas, tendo elas acordo com a segurança social e ainda com a polícia local, a qual muitas vezes leva gente para pernoitar.

Inicialmente funcionava também como residência de estudantes, o que hoje em dia é uma exceção. Presentemente acolhe dez pessoas para passar a velhice, enquanto a mobilidade os permite, sendo que também estão inscritos na misericórdia que depois lhes dá continuidade do serviço.

5. O jornal “Amigo da Verdade”

Dom João de Oliveira Matos quer levar a todos os pontos da Diocese a doutrina cristã e para isso funda o jornal *Amigo da Verdade*, com o intuito de fazer chegar a todos os pontos da Diocese a doutrina cristã, quer pelo Evangelho quer pela vivência e testemunho do mesmo. É com o objetivo claro de que todos possam chegar á santidade, como mais tarde refere o Concílio Vaticano II, “Todos os fiéis se santificarão cada dia mais nas condições, tarefas e circunstâncias da própria vida e através de todas elas, se receberem tudo com fé da mão do Pai celeste e cooperarem com a divina vontade, manifestando a todos, na própria atividade temporal, a caridade com que Deus amou o mundo”⁸⁷.

Desde muito cedo, ainda como sacerdote, vemos que Dom João de Oliveira Matos tem grande gosto pelos boletins paroquiais e este jornal podemos vê-lo como uma continuação do “*Jornal A Verdade*”⁸⁸ que fundou no Fundão e do “*Jornal A Voz do Pároco*” que fundou em Celorico da Beira, aquela que talvez tenha sido a época mais difícil da sua vida paroquial.

Foi à pequena aldeia do Rochoso que chegaram, em carros de bois, as máquinas da tipografia vindas de Torres Novas, daquele que foi sem dúvida um grande homem ao lado de Dom João de Oliveira Matos, o Dr. Alberto Dinis da Fonseca, que estava já embutido no espírito de trabalho de Dom João de Oliveira Matos.

Já estavam as máquinas e faltava agora quem as pudesse manusear. Foi assim que Dom João de Oliveira Matos se recordou dos vários rapazes com quem se tinha cruzado nas visitas pastorais que podiam vir a tomar parte neste que seria um grande passo para a Diocese e para cada rapaz. Foi assim que surgiu a Obra dos Rapazes.

Depois da formação laboral e espiritual, eis que foram postas mãos à obra e se começa a desenvolver o tão esperado trabalho. Entretanto, correu na Diocese uma circular com o fim

⁸⁷ LG 41.

⁸⁸ Fundou este Jornal ainda enquanto aguardava a idade para poder ser ordenado.

de divulgar o que iria suceder, o lançamento do Jornal *A Voz da Verdade*, que, ainda antes de ser lançado, mudou o nome para o que ainda se mantém na atualidade, *Amigo da Verdade*. Na circular consta:

“Há, porém, infelizmente entre os nossos amados diocesanos um elevado número deles que andam afastados da Santa Igreja, vivendo uns sem fé e outros como se a não tivessem. Em geral, o seu fundo é bom; têm no íntimo uma grande inclinação para o bem e até para as coisas de Deus; mas são de lamentável ignorância em matéria de religião; desconhecem por completo as verdades da nossa fé. Torna-se por isso necessário ministrar-lhes cada vez com mais intensidade a instrução religiosa por meio da pregação, feita em união com Deus, profundamente sentida e ao alcance de todos. Mas desgraçadamente, como V. Rev.cia sabe, muitos há que porfiam em conservar-se afastados do sacerdote; o único meio de os instruir é a pregação ao domicílio por meio da imprensa. (...) Comunicamos, pois, com o maior prazer a V. Rev.cia que no princípio de Janeiro próximo, começará a publicar-se nesta Diocese, um semanário de propaganda religiosa com o título de “Voz da Verdade”⁸⁹.

A circular que percorreu a Diocese inicialmente foi da autoria do bispo diocesano, D. José Alves Matoso, o que mais uma vez mostra muito bem a humildade de Dom João de Oliveira Matos. Nela constava a necessidade de se chegar aos diversos pontos da diocese e, para isso, se exorta cada sacerdote a empenhar-se na sua divulgação. Como refere: “estamos certos que o nosso reverendo clero paroquial fará tudo o que puder na divulgação do nosso jornalzinho”⁹⁰.

No dia 6 de março de 1927 a Diocese foi brindada com o primeiro número do semanário, no qual Dom João de Oliveira Matos tinha um espaço reservado ao comentário do evangelho intitulado “*Nem só de Pão Vive o Homem*”⁹¹. Logo neste primeiro número vemos novamente o que se pretende divulgar e fomentar:

“Nem só de pão vive o homem, disse Nosso Senhor Jesus Cristo, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus (Mt 4, 4).

E quando ele pretende viver só de pão, já não vive como homem, mas como escravo dos mais degradantes instintos animais que o levam pelo caminho da desventura no tempo e na

⁸⁹ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 263.

⁹⁰ *Ibidem*, 264.

⁹¹ Esta seção está coletada em livros e perfaz um conjunto de quatro volumes.

eternidade. Infelizmente há tantos que preferem viver assim, por fragilidade, uns, por ignorância quase todos, que se torna um dever grave para os que têm a dita de viver a verdadeira vida, levar às almas desses infelizes palavras de alento e de luz, fazendo-lhes sentir que só vivendo de toda a palavra que sai da boca de Deus é que podem gozar a vida e engrandecer-se.

É para espalhar essa palavra e levá-la ao interior de todos os lares, que a aparece hoje o Amigo da Verdade.

Como seu próprio nome o indica, é um jornal que indiferente a paixões políticas e agitações mesquinhas, procurará apenas levar a toda a parte, os ecos dessa Palavra divina, única capaz de salvar as nações do abismo, para onde caminham vertiginosamente. O Amigo da Verdade não quer ter inimigos; porque, mesmo àqueles que mais afastados andem dela, não procurará ferir com aspereza, mas atrair com brandura.

E à semelhança do Divino Mestre, que era a própria Verdade, procurando muito embora combater os erros, sem deixar de amar os homens, o Amigo da Verdade responderá, àqueles mesmo que porventura o agridam, ou achincalhem, com aquelas palavras tão doces e tão verdadeiras: Se falei mal, mostra-me em quê, se bem, porque me feres?”⁹².

Também o Dr. Alberto Dinis da Fonseca teve o seu espaço, onde transcrevia pequenas histórias, que culminavam sempre numa lição de vida. Foi assim durante vários e longos anos, sendo que, no quinto número, ainda foi criado mais um espaço reservado às notícias regionais. A partir de 14 de agosto de 1927, Dom João de Oliveira Matos tem reservado para si mais um espaço, intitulado “Luz e Vida”⁹³ no qual divulga a doutrina de Jesus. No primeiro diz-nos ele:

“Luz e Vida é para o homem a sublime doutrina de Jesus. No intuito de a divulgarmos com maior eficácia, iniciamos hoje esta sessão, onde a iremos expondo com toda a singeleza, e começamo-la por uma pequenina referencia a uma das maiores comemorações que a santa Igreja consagra à Virgem Nossa Senhora e Mãe, não só porque esta festa nos dá uma lição que é o fim de toda a doutrina de Jesus, mas ainda como homenagem humilde dos nossos corações de filhos que, neste momento, suplicam a essa Mãe carinhosa uma bênção particular para este jornalzinho, para os que nele trabalham e para os assinantes e leitores.”⁹⁴.

Passados alguns anos a obra dos rapazes sai do Rochoso e passa a estar no Outeiro de São Miguel, onde também passam a estar as oficinas. O último Jornal a sair no Rochoso foi o nº45 e nele Dom João afirma:

⁹² J. MATOS, *Nem só de pão vive o homem... Comentário aos Evangelhos Dominicais de S. Mateus*, 25.

⁹³ Esta seção foi, recolhida e publicada no ano de 2015 em dois volumes, pelo 2º aniversário do reconhecimento das virtudes heroicas e declaração de Venerável do Servo de Deus João de Oliveira Matos.

⁹⁴ J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume V*, 11.

“A obra que lançou a público o “Amigo da Verdade” e o “Almanaque de S. Miguel” é já hoje, a pouco mais de um ano do seu nascimento, uma grande esperança!

Os que nela trabalham, seguros de especial proteção de Deus (nem doutro modo se pode explicar o que está feito), julgam que ela há de vir a ser um dos grandes instrumentos do Senhor na santificação das almas e salvação da sociedade.

Como, porém, é muito o que há a fazer e as instalações onde ela funcionava, não chegavam, teve de mudar-se para lugar mais amplo junto da Estação da Guarda, no alto de uma colina, a que se pôs o nome de Outeiro de S. Miguel.

Ali, ela espera cumprir, com mais eficácia, a sua alta missão de levar às inteligências a luz da Verdade e aos corações as chamas do Amor divino.

Ajudem-na as almas de boa vontade com o amparo das suas orações, e ela caminhará depressa.

A Redação e Administração do “Amigo da Verdade” continuará no Rochoso”⁹⁵.

O nº 46 surge já na tipografia do Outeiro de S. Miguel, após a chegada dos equipamentos, e é ali que ainda hoje se encontra. Hoje em dia continua a ser escrita a seção intitulada “*Nem só de Pão Vive o Homem*”, pelo seu discípulo, Cónego Manuel Geada Pinto.

⁹⁵ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 296.

III PARTE

**OS DESAFIOS E O TRABALHO DOS
LEIGOS SEGUNDO**

DOM JOÃO DE OLIVEIRA MATOS

6. Desafios colocados hoje à Liga dos Servos de Jesus

Com um grande homem desenrolou-se uma grande obra que dura e perdura ao longo dos tempos, não só numa pequena aldeia ou nas casas da Liga, mas em toda a Diocese da Guarda e além-fronteiras.

São as preocupações de Dom João de Oliveira Matos com o povo e com as comunidades que o levam a estabelecer como objetivo base da Liga dos Servos de Jesus a evangelização de todos e de cada um, ou seja, a evangelização para fortalecimento da fé e das comunidades, uma vez que o povo que estava envolto ainda num clima de destruição e rutura fruto da implantação da República.

Com esta preocupação, vai percorrer a Diocese nas visitas pastorais e procura meios para concretizar a evangelização, os quais ele encontra e que ele define como “almas de elite”, pessoas com grande vontade de viver e testemunhar a alegria do Evangelho.

Vivia-se um clima difícil e as populações tinham de ser evangelizadas e nisto o papel do pastor é muito importante. Pois, quem tem a missão inerente de evangelizar tem também a missão de despertar, nos outros que o rodeiam, a mesma vontade de também eles serem portadores da Boa Nova. Também este é um desafio que hoje todos os sacerdotes, bispos, diáconos e leigos devem ter bem presente durante a sua peregrinação terrena. Todo o que fazemos deve ser para maior glória de Deus e não para proveito pessoal. Dom João de Oliveira Matos soube levar a bom porto a sua missão e ainda hoje colhemos os frutos que ele semeou. Como ele nos dizia acerca do pastor:

“Pastor é o ministro de Deus, o padre, que tem a altíssima e tremenda missão de conduzir as almas pelo caminho do céu, fazendo que elas conheçam e amem o Senhor.

Pastor é o pai e a mãe, a quem foi imposto cuidarem dessas ovelhinhas de Cristo, que são os seus filhos.

Pastor é o mestre que tem o sublime e difícil encargo de ilustrar e educar as almas dos discípulos.

Pastor é o patrão sobre quem pesa o bem-estar dos que o servem.

Pastor, é, enfim, todo o superior que tem de vigiar pelos que estão sob a sua autoridade.

O bom pastor dá a vida pelas ovelhas, diz o Senhor.

Serão, pois, bons superiores somente aqueles que, mesmo á custa dos maiores sacrifícios, cuidam do bem dos seus inferiores; que os tratam com verdadeiro carinho, que os compelem com afetuosa e doce firmeza ao cumprimento dos seus deveres religiosos e dos próprios do seu estado e profissão; que os corrigem nos seus desmandos; que proveem solícitamente, quando possam, às suas necessidades, exemplos, sendo os primeiros a cumprir todos os deveres; numa palavra, que os amam sincera e desinteressadamente, só em Deus e por Deus.

Que paz, que felicidade se gozaria no mundo e quantas almas gozariam as delicias inefáveis do céu, se todos os superiores assim fizessem!

Porque, afinal, se virmos bem, a causa das desordens, inquietações e dores que tornam mais aflitiva a condição do homem, na vida presente, e o que mais contribui para as suas angustias e desesperos na futura, está em os superiores não amarem deveras os seus inferiores.

E qual é o número de tais superiores?

É a quase totalidade, infelizmente.

O que predomina são os fracos, os preguiçosos, os de ideias e costumes depravados, os ambiciosos, os orgulhosos, os autoritários, os interesseiros, os duros de coração, que só procuram tirar da sua posição o maior lucro com o menor incomodo; verdadeiros mercenários que não se preocupam com os seus inferiores senão para os explorar, humilhar e perder. É por isso, que tantos destes se revoltam e tresmalham!

E esses pastores inféis não veem o tremendo abismo para onde caminham!

Não veem que a sua infidelidade os pode lançar, de um momento para o outro, mesmo neste mundo, num mar de angústias desesperantes?!

Não veem que Deus, eterna justiça, lhes há-de pedir estreitas contas e que a tamanho crime correspondem eternos castigos?!

Que terrível cegueira!

Praza ao Senhor, que todos abram os olhos e entrem pelo caminho do dever!

As almas de fé que sentem, no coração, o amor de Deus e do próximo, não cessam de pedir ao céu, com a maior instancia, pelos maus pastores, clamando sem cessar:

Senhor, fazei que eles ouçam! Senhor, fazei que eles vejam! Senhor, fazei que eles amem!”⁹⁶.

Como pastor Dom João de Oliveira Matos foi sem dúvida um pai para todos os que com ele se cruzaram e dele se abeiraram. Foi assim que descobriu as “almas de elite” e conseguiu unir os bons cristãos, foi assim que formou lideres, gente empenhada e implicada em viver os ideais de Jesus Cristo. Tudo isto, porque, a sua vida era pautada pela Sagrada Escritura, e era a própria Palavra que dava vida à sua vida, era o seu ideal e por isso cumpriu

⁹⁶ A. NEVES, *D. João de Oliveira Matos escritos espirituais*, 83.

o que diz São Pedro na sua Primeira Carta, “apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, governando-o não à força, mas de boa vontade, tal como Deus quer; não por um mesquinho espírito de lucro, mas com zelo; não com um poder autoritário sobre a herança do senhor, mas como modelos do rebanho” (1 Pedro 5, 2-3).

Assim nasceu a Liga, após percorrer a Diocese durante três anos, por graça de Deus, reuniu-se o primeiro grupo mais restrito para levar a cabo o ideal da Liga: em primeiro lugar a santificação pessoal e em segundo lugar a santificação do povo que andava mais afastado. E é assim que, a 13 de junho de 1924 surge a primeira comunidade da Liga, que tinha como fundamento ser o ponto de apoio para a formação quer das servas externas quer das servas internas que eram então em menor número.

Esta comunidade surge desde logo com um regulamento que passo a transcrever:

“Ao acordar dirigir a inteligência e o coração para Deus. Ao levantar conservar a alma recolhida e unida a Deus. Para isso, é necessário guardar a modéstia e o silêncio. O levantar deverá ser à hora determinada no horário. Depois de vestidas, oração da manhã fervorosa e breve, meditação, Missa e comunhão. Leitura espiritual. Não estar ociosa momento algum, falar o menos possível com as criaturas e o mais possível com Deus. No trabalho manter o recolhimento, vendo Deus nele e entregar-se a ele com alegria, por mais monótono que seja, e fazer tudo com a maior perfeição. O trabalho deve ser de duas espécies, manual e de apostolado. Nas recreações ser alegre, simples e inocente, evitando toda a palavra ou ato contra a caridade ou qualquer outra virtude.

Nas refeições ser sóbria e mortificada, procurando estar atenta à leitura. Nas tribulações não perder a paz, levando-as ao menos com paciência. Nas alegrias manter-se unida a Deus a Quem se devem agradecer. Antes da noite visita ao Santíssimo e Rosário de Nossa Senhora. Ao deitar, oração da noite, exame e despir-se com a maior modéstia e recolhimento. Depois de deitar, pensar em Deus e dormir com o coração unido a Ele. Pelo meio-dia, isolar-se durante um quarto de hora pelo menos, para pensar em Deus, renovar os propósitos feitos de manhã e fazer o exame particular. Para todas as semanas, confessar-se o melhor que puder e examinar-se acerca de como tem cumprido este Regulamento, anotando por meio de sinais o progresso ou as faltas...”⁹⁷.

O ideal de vida proposto é o caminho orante, o caminho fiel e construtor de união, e, para isso, são também necessárias as regras de vida espiritual, que transcrevo:

⁹⁷ J. CARVALHO, *Um bispo para o nosso tempo*, 226.

“I - Lembrem-se de que foram chamadas a viver em comunidade só para adiantarem na virtude e repararem, com o seu amor e acção, o dano causado pelos pecadores à glória de Deus.

II - Aperfeiçoem, dia-a-dia, a conformidade da sua vontade com a de Deus e a sua confiança n'Ele.

III - Tudo o que pensarem, fizerem ou disserem seja só para darem o maior prazer ao Senhor.

IV - Afastem do coração todo o amor desordenado às criaturas. Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus, disse Jesus.

V - Crucifiquem o coração, mesmo nas coisas lícitas, preferindo, sempre que possam, o mais perfeito e o que lhes der menos prazer.

VI - Tenham em grande conta a virtude da obediência, fazendo, com prontidão, perfeição e alegria, o que lhes for mandado, mesmo que lhes custe muito, porque a obediência é o melhor holocausto que podemos oferecer a Deus no altar do nosso coração, diz S. Filipe de Neri.

VII - Evitem, quanto possível, causar incómodo seja a quem for, e, por amor de Deus, façam ao próximo o bem que lhes for permitido.

VIII - Não reparem para os defeitos alheios, nem julguem mal do que as outras pessoas fazem ou dizem, nem mesmo em seu coração, antes tirem disso motivos de edificação própria. Quando virem o mal com toda a clareza, desculpem o seu agente, dizendo para consigo: Não o fez por malícia; se eu estivesse nas mesmas circunstâncias, faria pior.

IX - Sejam simples como as crianças, mas prudentes, evitando tudo o que julgarem nocivo à sua alma. Neste caso olhem só para a fragilidade e malícia própria.

X - Levem, ao menos com paciência, as contrariedades e humilhações que lhes vierem do trato com o próximo.

XI - Amem-se uns aos outros em Jesus, ajudando-se mutuamente no cumprimento do dever, tomando cada um como suas, as alegrias e tristezas dos demais e suplicando ao Senhor uns pelos outros, particularmente em ocasião de doença ou outra provação.

XII - Encham o coração de doçura e tratem a todos com a maior delicadeza e bondade.

XIII - Nas tribulações abracem-se corajosamente à cruz e levem-na com os olhos no Senhor.

XIV - Não se deixem dominar pela tristeza, antes se conservem habitualmente alegres, mas não se entreguem às vãs alegrias do mundo.

XV - Não se aflijam em demasia com as faltas em que tiverem caído; humilhem-se antes, reconhecendo o seu nenhum préstimo e a sua maldade, confiem na misericórdia divina e andem para a frente no caminho do amor, sem inquietação, embora com sincero pesar das quedas.

XVI - Afastem, com decisão e energia, dos seus pensamentos, palavras, obras, vestidos e atitudes, o espírito do mundo.

XVII - Amem o trabalho por amor a Deus, mesmo o mais humilhante e penoso.

XVIII - Sejam pontuais e, quanto possível, perfeitos na observância do regulamento.

XIX - Evitem as singularidades, procedendo cada um, no cumprimento do dever, como os demais, mas sejam, no íntimo e a ocultas, os mais perfeitos.

XX - Procurem viver unidos, o melhor possível, ao Senhor, mesmo nas ocupações. Façam para isso frequentes actos de presença de Deus, acompanhados de jaculatórias que melhor os

afervorem, e andem habitualmente recolhidos, mortificando sobretudo os olhos, os ouvidos e a língua.

XXI - Fora das recreações, não falem sem verdadeira necessidade ou sem licença do Superior.

XXI - Orem com fervor e ofereçam boas obras pelos pecadores, pelos sacerdotes, pelos missionários, pelos aspirantes ao sacerdócio, pelos pais e mães de família, pelas crianças, pela pátria, pela comunidade e pela Liga.

XXIII - Procurem crescer na devoção a Jesus Sacramentado, à Virgem SS., Nossa Senhora, e a S. José.

XXIV - Façam todos os dias pelo menos meia hora de adoração diante do Sacrário, durante a qual devem falar com toda a confiança para Jesus.

XXV - Esforcem-se por fazer, com o maior recolhimento, o retiro mensal e anual.

XXVI - Confessem-se todas as semanas com a maior singeleza e confiança, afastando as preocupações que lhes tirem a paz.

XXVII - Ouçam a santa Missa e comunguem todos os dias com a maior devoção e fervor.

XXVIII - Leiam frequentemente estas regras e examinem-se sobre o modo com as têm cumprido”⁹⁸.

É com este querer que o fundador tem consciência também de ser o querer de Deus que avança e incute nestas que mais de perto o rodeiam, o mesmo espírito de serviço e oração.

Um ponto central das servas é a necessidade que têm de receber formação, e desde logo, na ata de fundação vemos o fundador que lhes diz: “quando eu for em serviço a qualquer localidade, quero ver todas as sócias que viverem perto, para trocarmos impressões e termos um dia de retiro. Todas as sócias terão, todos os anos, um retiro anual, que será feito em diversos turnos.”⁹⁹

Para melhor compreendermos a opinião de Dom João de Oliveira Matos vejamos o que ele nos diz sobre o Retiro:

“Li algures esta definição de um retiro: um retiro é Deus a comunicar-se à alma sem intermediários. Condiz com o pensamento da Sagrada Escritura que diz que Deus chama a alma à solidão para lhe falar ao coração.

É factos que entram muitos outros elementos num retiro, que contribuem para o fruto deste, como são: o horário, o trabalho tão intenso e cheio de sacrifício do sacerdote que faz as

⁹⁸ A. NEVES, *D. João de Oliveira Matos escritos espirituais*, 195.

⁹⁹ *Ibidem*, 183.

meditações e as práticas, as orações, leituras, confissões, etc., mas todos estes meios têm em vista um fim único: facilitar à alma o entrar em si mesma e, por meio do recolhimento e oração, deixar penetrar a luz de Deus até ao fundo da alma, para ver bem o mal que deve evitar daí para o futuro e o bem que deve praticar. Quem for fiel à graça de um retiro avança a largos passos no caminho dos mandamentos e da própria santificação.

Quantos passos se dão entre os mundanos para obter entrevistas com os grandes da terra, umas vezes para solucionar negócios, outras por mera vaidade ou curiosidade?

Basta que alguém suba ao poder e chovem os empenhos de cartas e bilhetes de apresentação, para aqueles que ocupam postos elevados.

Fazem-se grandes trajetos e despesas e perde-se um tempo, às vezes precioso, para tal dia e a tal hora ser atendido.

Num retiro, quem dá a audiência não é um grande da terra, é aquele Deus e Senhor diante do qual todos são pequeninos. Como tudo o que é grande é simples, não há protocolo para esta audiência e o Senhor é o primeiro a fazer o convite alma, através do Evangelho: Vinde a mim todos os que sofreis e estais sobrecarregados e eu vos aliviarei...

Oxalá que do norte ao sul do país, em todas as cidades, vilas e aldeias, as pessoas ouvissem o convite do Senhor e saíssem do retiro como muitos que para lá vão, às vezes com bem pouco conhecimento e disposição, e que depois exclamam cheios de alegria: “É bem suave o jugo do Senhor”¹⁰⁰.

O desafio atualmente é sem dúvida saber escutar a voz de Deus e avaliar o que tem sido feito, ou não, à luz do que era pretendido pelo fundador. A Liga tem um carisma e o fundador deu diretrizes claras para o progresso da mesma. É então preciso avaliar e retomar ou aperfeiçoar as mesmas.

Um outro aspeto que está bem evidente no pensamento do fundador é a necessidade dos servos externos serem realmente “fermento novo”, pessoas que se envolvem e constroem, pessoas que com o seu dia-a-dia conseguem testemunhar e concretizar na vida concreta o evangelho. Os mandamentos do servos, por si elaborados, refletem este mesmo pensar:

“1.º Fortes na fé – a) não titubeando jamais na manifestação das suas convicções religiosas; b) tomando parte ativa e sem respeitos humanos em todas as manifestações de fé e amor a Deus Nosso Senhor, que se realizem nas suas terras.

2.º Dedicados à Santa Igreja – a) obedecendo-lhe em tudo, enaltecendo-a e defendendo-a contra os seus inimigos; b) tendo o maior respeito e estima sobrenatural pelo Papa, Bispos,

¹⁰⁰ J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume V*, 320.

Párcos e demais sacerdotes; c) amando e auxiliando todas as suas instituições; d) favorecendo, por todas as formas, as vocações sacerdotais, religiosas e missionárias.

3.º Confiantes e alegres – afastando decididamente do seu espírito o pessimismo, o desalento e a tristeza.

4.º Bondosos e delicados – com toda a gente, inclusive os inimigos.

5.º Respeitadores da fama alheia – e firmes na defesa do seu bom-nome.

6.º Caridosos e compassivos – com os atribulados por necessidades de ordem material, ou por dores físicas ou morais.

7.º Zelosos e quanto possível perfeitos – no cumprimento dos seus deveres religiosos, sociais e cívicos, e do seu estado e profissão.

8.º Estudiosos e aplicados – dentro da sua capacidade a fim de obterem legítimo prestígio no seu meio e maior eficiência na sua ação.

9.º Honestos e verdadeiros – em todos os atos da sua vida.

10.º Modestos e ativos – não falando de si nem do bem que houverem feito sem motivo grave, e ocupando nas obras o último lugar, embora sejam os primeiros nos trabalhos e sacrifícios”¹⁰¹.

É no pleno cumprimento dos mandamentos que reside o caminho que conduz à verdadeira alegria, à cruz, à luz, ao próprio Jesus. Esforcem-se todos para o seu cumprimento, a fim de o ideal previsto ser alcançado e valorizado na sua totalidade. Mas, não esqueçamos que “o melhor que podemos fazer neste mundo é praticar com perfeição os deveres do estado e a prova é que, a maior união com Deus não pertence à alma que está no estado mais perfeito, mas àquela que mais se aperfeiçoar no estado a que Deus a chamou”¹⁰².

Desde os primórdios da Igreja que todos os cristãos são convidados a ser realmente apóstolos:

“Estamos numa época de apostolado intenso: há centenas, milhares de associações católicas para levar o bem-estar material, moral e religioso a todas as terras e a todas as classes da sociedade humana. O Santo Padre convida, com carinho paternal, os próprios leigos a tomarem parte na ação católica.

A primeira condição para exercer a o apostolado com fruto, é sermos um modelo vivo da verdade, que queremos que seja abraçada pelos nossos irmãos.

Começemos, pois, por corrigir em nós os defeitos que desejamos ver desaparecer nos outros, e pratiquemos as virtudes que aconselhamos aos nossos irmãos.

¹⁰¹ A. NEVES, *D. João de Oliveira Matos escritos espirituais*, 206.

¹⁰² J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume VI*, 149.

Como poderá uma senhora pregar, na catequese, a modéstia no vestir, a obediência aos superiores, a paciência cristã, se os seus vestidos não são modestos, se as pinturas que usa revelam vaidade, se ela, por sua vez, desobedece a seus pais e, se por tudo e por nada perde a paciência?

As pessoas que se dizem boas, caem com facilidade na murmuração e, o que é mais grave ainda, criticam por via de regra, os próprios superiores.

Se em vez de olhar para o procedimento dos superiores, cada qual olhasse para si, depressa se endireitaria o mundo.

É bem verdadeiro o provérbio chinês que diz: “Se cada um limpasse o passeio em frente à sua casa, todas as ruas estariam limpas.”

Bem viu esta verdade a santa dos nossos dias, cuja vida é conhecida e apreciada em todo o mundo, santa Teresa do Menino Jesus. Esta começou por se corrigir e aperfeiçoar a si própria, auxiliada pela graça divina; com que fervor comungava, como se preparava, apesar de criança, para receber o Espírito Santo no sacramento da confirmação e como mortificou os seus menores desejos!

Santifiquemo-nos, pois, se desejamos ser apóstolos e santificar os outros”¹⁰³.

Para realmente sermos a diferença no mundo em que nos encontramos temos de seguir o ideal de Jesus, viver na simplicidade e no amor desinteressado, deixar de lado os bens materiais e mesmo afetivos e priorizar Deus, a Ele tudo devemos como oferta agradável que nos foi concedida. Por isso, devemos dar-lhe tudo de todo o coração, pois Ele sabe realmente quem somos e o que nos vai no interior. Neste sentido diz-nos Dom João de Oliveira Matos, tendo por base uma história:

“Há dias vimos uma mãe carinhosa, comovida e cheia de alegria ao examinar um pequenino trabalho que uma filha sua lhe oferecera, como prenda de anos; recebera nesse dia grandes, valiosas e artísticas prendas, mas aqueles pontinhos incertos dados pela sua filha, aquelas cores matizadas pela sua fantasia de criança, o amor e carinho com que trabalhara o pedacinho de pano para oferecer à sua mãe, fez que ela preferisse esta pequenina dádiva às demais e lhe sorrisse de alegria e amor!...

Todos nós somos crianças diante de Deus e as nossas obras mais brilhantes e mais perfeitas aos olhos do mundo, não passam a seus olhos de ensaios de criança... Não tentemos fazer obras vistosas e grandes na nossa vida, porque somos pequeninos; procuremos sim, desempenhar com grande amor e perfeição, a tarefa escondida e monótona dos nossos deveres diários e, ao apresenta-los a Jesus no fim do nosso dia de trabalho, façamo-lo com um grande amor e Ele sorrirá para nós e nos estreitará ao seu coração com muito mais carinho do que a melhor das mães!”¹⁰⁴.

¹⁰³ J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume VI*,13.

¹⁰⁴ *Ibidem*, 145.

Não nos acomodemos, não nos deixemos isolar, não fiquemos à margem. Deus quer que o testemunhemos com radicalidade, o seu caminho é exigente e temos de sair do nosso cantinho em busca do que está a nossa volta. O mundo precisa de nós, a sociedade está à nossa espera. Como nos diz a Sagrada Escritura, “antes mesmo de te modelar no seio materno, eu te conheci; antes que saíesses do seio, eu te consagrei” (Jer 1, 5), ou seja, antes mesmo do nosso nascimento Deus tem para nós uma missão, missão essa que é a vontade de Deus.

“A vontade Deus é que nos santifiquemos no lugar em que a Providência nos colocou e que atinjamos a perfeição, *o máximo da perfeição*, nesse estado.

Costuma o mundo, o demónio e a carne desviar-nos do perfeito cumprimento dos nossos deveres, para nos distrair da esfera em que a Providência nos colocou.

Assim, ao anacoreta, assalta-o por vezes a tentação de que se santificaria e salvaria mais almas, se descesse ao povoado; ao missionário, que atingiria a mais alta contemplação, se abandonando as fadigas apostólicas se retirasse a um ermo; ao que exerce um cargo de autoridade, o desejo de passar a súbditos e aos que ocupam lugares modestos e apagados o desejo de se salientarem. O aborrecimento e o tédio dos deveres do próprio estado é uma arma frequentíssima de que o espírito das trevas se serve, para nos desviar da nossa salvação e santificação.

Quantos religiosos dizem: “Se eu fosse lavrador, se estivesse em tal e tal lugar, era boa pessoa, assim não posso.”

Quantos seculares exclamam: “Se eu tivesse ido para padre, se eu tivesse ido para religioso, seria bom, seria santo.”

Querido leitor: Deus, na sua bondade infinita, quer a tua salvação. Não esperes a mudança de lugar, o resultado de um negócio, a saída de um amigo, para o servires e amar com perfeição. Hoje mesmo, no momento em que me lêes, levanta o coração a Deus numa prece fervorosa e diz-lhe do fundo da alma:

“Senhor, vós que vos dignastes salvar-me neste estado, concedei-me pela vossa Misericórdia a graça de nele me salvar e santificar; dai-me, Senhor, o conhecimento claro de todos os deveres do meu estado, deveres grandes e pequeninos, dai-me força para bem os desempenhar. Se cada um cumprisse com perfeição os deveres do seu estado, o mundo tornar-se-ia um paraíso”¹⁰⁵.

¹⁰⁵ J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume VI*,163.

7. Os leigos e a sua missão evangelizadora

Depois de feito este percurso, em que se reconhece quer na vida quer na obra de Dom João de Oliveira Matos, que o papel dos leigos é fundamental, segue-se um pequeno apanhado sobre os mesmos e a forma como a Igreja os foi acolhendo na missão evangelizadora. Damo-nos conta, que mesmo antes do Vaticano II, assim como nas diretrizes, que encontramos no Concílio, sobre o papel dos leigos na tarefa de evangelizar, tanto no decreto *Apostolicam Actuositatem* como na constituição dogmática *Lumen Gentium*, havia já em Dom João de Oliveira Matos uma certeza de que os leigos tinham um papel decisivo na vida da Igreja e na sua missão.

Ao longo dos anos a Igreja vai reconhecendo que não se pode apenas contar com os sacerdotes ou com a hierarquia para evangelizar. Porém, é um caminho longo e árduo, pois as opiniões são diversas e ainda em busca de um ponto de confluência.

Mesmo nos finais do século XIX o papel e a importância dos leigos não estava ainda esclarecido, e por isso, numa carta de 1888 de Leão XIII para o arcebispo de Tours, lê-se claramente que aos leigos compete apenas a obediência aos sacerdotes. Refere-se mesmo que, “é uma realidade constante e bem conhecida que na Igreja existem duas ordens claramente definidas pela sua natureza: os pastores e a grei, isto é, os governantes e o povo. Os primeiros têm a missão de ensinar, governar e dirigir os homens na vida, impondo-lhes normas; os segundos têm o dever de submeter-se aos primeiros, obedecer-lhes, cumprir as suas prescrições e tributar-lhes a devida honra”¹⁰⁶. Ora esta forma de pensar prolongou-se pelos séculos, da qual recebemos ainda muito da forma de estar quer de leigos quer da hierarquia.

No início do século XX é notória já alguma renovação e o empenho dos leigos na ação evangelizadora da Igreja pois vemos já muitos a participarem nas escolas católicas, nos

¹⁰⁶ C. FLORISTAN, *Teología Práctica*, 322.

centros paroquiais e nas conferências vicentinas. Um novo florescer acontece com o aparecimento da Ação Católica, no ano de 1928, levada a cabo pelo papa Pio XI. Ainda que, em 1924 já tivesse surgido a Liga dos Servos de Jesus, sonhada e executada por Dom João de Oliveira Matos e no ano seguinte, em 1925, a Juventude Operaria Católica fosse iniciada por Cardijn. Estes movimentos surgem com um principal objetivo: dar aos leigos a missão de evangelizar, para que estes se sintam realmente a zelar e a cultivar o Reino de Deus.

No decorrer da segunda guerra mundial outros movimentos vão surgindo e a importância dos leigos tem cada vez mais cabimento para os teólogos e para a Igreja. É neste sentido, e dando-lhes a devida importância, que depois da segunda grande guerra mundial surge a teologia e a espiritualidade dos leigos apontada por Y. Congar, em 1952, e por G. Philips, em 1954, que, posteriormente, vão ser o mote para a redação do quarto capítulo da *Lumen Gentium* e do decreto *Apostolicam Actuositatem*. Neste estudo saliente-se que o leigo é o crente que livre e consciente assume a sua relação com Cristo, com a Igreja e com o mundo¹⁰⁷.

Posteriormente o Concílio Vaticano II, tem em conta de forma clara que os leigos têm uma missão específica na Igreja e esta tem de ser valorizada e posta em prática para que todos os batizados, sejam realmente fermento novo, pois todos eles participam também dum sacerdócio comum que nasce do batismo, e deles de forma direta, tal como dos sacerdotes, depende o futuro da evangelização. Refira-se por isso que, “a Igreja não está fundada verdadeiramente, nem vive plenamente, nem é sinal perfeito de Cristo entre os homens se, com a Hierarquia, não existe e trabalha um laicado autêntico. (...) Sem a presença ativa dos leigos, o Evangelho não pode gravar-se profundamente nos espíritos, na vida e no trabalho do povo” (*Ad Gentes 21*).

¹⁰⁷ Cf. *Ibidem*, 326.

Na constituição dogmática *Lumen Gentium*, particularmente no quarto capítulo, temos os números trinta a trinta e oito, que de forma explícita procuram demonstrar qual a missão dos leigos na Igreja. O documento conciliar recorda também aos sacerdotes que não são donos e senhores do que lhes foi confiado por Deus, pois a estes compete, de forma clara, ensinar o povo a fim de que este possa crescer sozinho, sem que dependa única e exclusivamente do pastor. A Sagrada Escritura refere mesmo que, “assim como num mesmo corpo temos muitos membros, e nem todos têm a mesma função, assim, sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros” (Rom. 12, 4-5), ou seja, ainda que todos sejamos de Cristo a forma de o testemunhar e comunicar depende da condição de cada um.

É neste sentido que também temos de ter claro que, “por leigos entendem-se aqui todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo Batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja se no mundo” (*Lumen Gentium* 31). A cada cristão, ordenado ou leigo compete em primeira ordem evangelizar, educar e testemunhar o próprio Jesus Cristo, a fim de se transportar para os nossos dias o mesmo fervor de comunidade que se vivia no tempo de Jesus, onde os que viam o testemunho cristão se questionavam e queriam também fazer parte daquela comunidade. É neste sentido que os leigos “devem tomar parte ativa em toda a vida da Igreja, não devem apenas impregnar o mundo com o espírito cristão, mas são também chamados a serem testemunhas de Cristo, em todas as circunstâncias, no seio da comunidade humana” (*Gaudium et Spes* 43).

Na verdade a cada um é reservada a sua missão, mas a todos compete a evangelização. Os leigos, no ambiente familiar ou na condição que assiste a cada um, “são chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico,

concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade” (*Lumen Gentium 31*). Diante desta certeza que nos é dada pelo documento conciliar temos de recordar que a finalidade da Liga dos Servos de Jesus é a santificação pessoal e a de todos os que estão mais afastados, dos caminhos do reino, como tanto o tem referido o Papa Francisco, particularmente ao usar o termo “periferia”, tão presente no seu discurso.

Desde, muito cedo, que Dom João de Oliveira Matos reconhece a necessidade de formar os leigos e de os instruir na fé, a fim de que eles e por eles, e outros na mesma condição, pudessem aderir à fé por meio do testemunho e do exemplo, tão desejado e salientado pelo Vaticano II, quando diz que “os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra (...), todo e qualquer leigo, pelos dons que lhes foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja” (*Lumen Gentium 33*).

E porque a salvação está ao alcance de todos, e também é para todos, não para um pequeno grupo ou povo, “incumbe, portanto, a todos os leigos a magnífica tarefa de trabalhar para que o desígnio de salvação atinja cada vez mais os homens de todos os tempos e lugares (...) a fim de que, segundo as próprias forças e as necessidades dos tempos, também eles participem com ardor na ação salvadora da Igreja (*Lumen Gentium 33*). E ao terminar, este capítulo a importante constituição conciliar esclarece de forma sintetizada que “cada leigo deve ser, perante o mundo, uma testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus e um sinal do Deus Vivo. Todos em conjunto, e cada um por sua parte, devem alimentar o mundo com frutos especiais e nele difundir aquele espírito que anima os pobres, mansos e pacíficos, que o Senhor no Evangelho proclamou bem-aventurados” (*Lumen Gentium 38*).

Dom João de Oliveira Matos soube ler o sinal dos tempos (*Cf. Gaudium et Spes 4 e 11*) e valorizar o papel dos leigos na evangelização da Diocese da Guarda, como já anteriormente foi referido. E por isso, o papel dos servos quer internos quer externos é hoje reconhecido e valorizado por toda a Diocese, e de forma especial por todos aqueles que usufruem dos serviços por estes prestados, do testemunho de vida de serviço e do apostolado desenvolvido em diversas formas de anúncio.

Conclusão

Depois de percorrida a vida, em traços gerais, deste que, sem dúvida, foi um grande homem e uma grande fonte de renovação para a Diocese da Guarda, convém expressar que o seu alimento era sobretudo espiritual, isto é, a sua fonte era a Sagrada Escritura e a Eucaristia. Todo o ser humano tem a necessidade de se tornar um ser espiritual para melhor compreender e interagir na sociedade com os demais que o rodeiam, e Dom João de Oliveira Matos fê-lo de forma exímia na busca da perfeição da alma.

O Bispo Auxiliar da Guarda foi sem dúvida perspicaz e eficiente, e na sua vida tinha linhas mestras bem definidas, que o conduziram a bom porto, linhas essas, pelas quais ainda hoje se regem os servos da Liga por ele fundada, com o intuito de ser na terra o sinal vivo de Cristo, como desejava o seu fundador.

Dom João de Oliveira Matos é uma figura peculiar, impar e que sem dúvida soube ver mais além, pois antes do Concílio Vaticano II, já ele tinha feito e levado a cabo algumas das orientações que dele advêm. Denotam-se na sua personalidade e no seu pensamento características especiais, as quais muito contribuíram para a sua inculturação, para a sua forma de ser e de estar no meio da população.

Denotam-se claramente também as virtudes da fé, da obediência, da caridade, da humildade, da pobreza, do desprendimento, da fidelidade, da bondade, da temperança, da prudência, da fortaleza, da paciência, da alegria, da generosidade e da gratidão. Foi sem dúvida sinal visível do que Deus nos pede que sejamos, e, por isso, foi também fiel cumpridor do que nos exorta a primeira carta de São Paulo aos Coríntios a respeito da caridade, da forma de ser e de estar:

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como um bronze que soa ou um címbalo que retine.

Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver caridade, nada sou.

Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada me aproveita.

A caridade é paciente, a caridade é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhosa, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento.

Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade.

Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Cor 13, 1-7).

A sua vida foi pautada pela caridade pastoral, mesmo antes do sacerdócio já ele se dedicava aos outros como professor, e depois, como ministro de Deus, mais ainda se dedica à construção do reino, quer no atendimento personalizado de quantos o procuram quer na administração dos sacramentos, quer nas pregações para as quais o convidavam quer no contributo dado ao jornal. Toda a sua vida foi dedicada ao próximo, e se Santo Inácio tinha como lema, “em tudo amar e servir”, certamente que Dom João de Oliveira Matos também o trazuiu na sua vida.

O centro da sua vida era a eucaristia, e com ela, as visitas ao Santíssimo Sacramento e a oração pessoal, que o levavam a uma procura constante da perfeição, pois ele reconheceu que o Espírito Santo o impelia a caminhar, a testemunhar e a cultivar no seu meio e no meio onde se deslocava o verdadeiro sentido da oração, do amor e da comunhão que a Igreja deve viver.

A respeito da eucaristia diz-nos:

“O Sol Divino da Sagrada Eucaristia realiza nas almas, embora numa ordem superior, os mesmos prodígios de luz e vida que, no mundo, produz o astro do meio-dia. Este é o mar de fogo que, à nossa vista extasiada, descobre as grandes maravilhas da criação. Jesus, na Sagrada Eucaristia, é o fanal bendito de onde brota, a jorros, a luz imensa que leva as almas à verdade da sua doutrina e dos seus ensinamentos. O sol é o facho luminoso que nos mostra ainda os perigos e precipícios em que se pode cair.

A Sagrada Eucaristia é a onda de fogo intensa que às almas revela os perigos em que pode soçobrar e os precipícios em que pode naufragar...

Os feixes luminosos do sol, caindo na terra, vão fazer germinar as sementes e, uma vez nascidas, fazem-nas crescer, conservam-nas e fazem-nas amadurecer até que estejam prontas para serem colhidas.

Fazem secar e morrer as ervas daninhas, que crescem com as boas sementes.

Os raios ardentes da luz, que saem do Tabernáculo de Jesus, fazem germinar nas nossas almas a semente das virtudes, e, germinada essa semente bendita das virtudes, fazem-nas crescer e conservar, sob o seu benéfico influxo, E, adquirindo o hábito das virtudes cristãs, então é ver amadurecer, dia a dia, as almas de elite, no amor de Jesus.

Mas quantas são as almas para quem Jesus, na Eucaristia, é esse Sol Bendito que as seduz com a luz que dispensa às suas verdades, com a luz que nos patenteia os perigos da vida, e com a luz que faz nascer, cresce, conservar e amadurecer as flores das virtudes, nos jardins dos nossos corações?! Bem poucas, infelizmente! Fosse para todas, a Eucaristia, esse Sol Divino, e o mundo passaria a viver a verdadeira vida, vida de amor, vida de paz”¹⁰⁸.

A sua vida foi uma entrega constante ao próximo, reconheceu o amor de Deus e teve plena consciência do mesmo amor como dádiva de Deus, dando assim cumprimento ao grande mandamento, “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Podemos dizer que o mapa da sua história foi o Evangelho, com o qual se envolveu, comprometeu, apaixonou e edificou a Igreja.

¹⁰⁸ J. MATOS, *Luz e Vida reflexões espirituais volume V*,153.

Bibliografia

Fontes do Magistério

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, «*Constitutio Dogmatica de Ecclesia “Lumen Gentium”*», in *AAS* 57 (1965) 5-71.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, «*Constitutio Pastoralis de Ecclesia in Mundo Huius Temporis “Gaudium et Spes”*», in *AAS* 58 (1966) 1025-1120.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, «*Decretum de Activitate Missionali Ecclesiae “Ad Gentes”*», in *AAS* 58 (1966) 947-990.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, «*Decretum de Apostolatu Laicorum “Apostolicam Actuositatem”*», in *AAS* 58 (1966) 837-864.

Bibliografia do Autor

OLIVEIRA MATOS, João, *Escritos. Nem só de pão vive o homem. Comentário aos Evangelhos Dominicais de S. Lucas, Volume I*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, 25 de Julho de 2008.

OLIVEIRA MATOS, João, *Escritos. Nem só de pão vive o homem. Comentário às Cartas de S. Paulo, Volume II*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, 25 de Janeiro de 2009.

OLIVEIRA MATOS, João, *Escritos. Nem só de pão vive o homem. Comentário aos Evangelhos Dominicais de S. Mateus, Volume III*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, 29 de Agosto de 2010.

OLIVEIRA MATOS, João, *Escritos. Nem só de pão vive o homem. Comentário aos Evangelhos Dominicais de S. Marcos e S. João, Volume IV*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, Abril de 2012.

OLIVEIRA MATOS, João, *Escritos. Luz e Vida. Reflexões Espirituais, Volume V*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, 3 de Junho de 2015.

OLIVEIRA MATOS, João; *Escritos. Luz e Vida. Reflexões Espirituais, Volume VI*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, Agosto de 2015.

Bibliografia do complementar

FLOISTAN, Casiano, *Teología Práctica, Teoría e Praxis de la Acción Pastoral*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1993.

GEADA PINTO, Manuel Joaquim, *D. João de Oliveira Matos, Um Homem, um Santo, uma Obra*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, 2003.

GOMES, Pinharanda, *O Servo de Jesus Alberto Diniz da Fonseca (1884-1962)*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, 1988.

HERTLING, Ludwig, *Historia de la Iglesia*, Editorial Herder, Barcelona, 1989.

JEDIN, Hubert, *Manual de Historia de la Iglesia VIII*, Editorial Herder, Barcelona, 1988.

RAMOS, Júlio, *Teología Pastoral*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1995.

SANTOS, Henrique Manuel Rodrigues, *A Recepção do Concílio Vaticano II na Diocese da Guarda*, Paulus Editora.

SANCHES DE CARVALHO, José Afonso, *Um Bispo para o nosso tempo*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, 1972.

SANCHES DE CARVALHO, José Afonso, *Um Bispo para o nosso tempo*, 2ª Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, 1989.

SANCHES DE CARVALHO, José Afonso, *Um Bispo para o nosso tempo. II Doutrina*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, 1980.

SANTOS PIRES, Alfeu, *História e Vida dos Seminários da Guarda e Fundão*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, 2006.

PINHEIRO NEVES, Alfredo, *D. João de Oliveira Matos. Escritos Espirituais (1927-1938)*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, Agosto de 1993.

PINHEIRO NEVES, Alfredo, *D. João de Oliveira Matos. Escritos Espirituais (1927-1938) Revisitados*, Edição da Liga dos Servos de Jesus, Oficinas de São Miguel – Outeiro de São Miguel, Guarda, 25 de Julho de 2008.

Índice

Introdução	5
-------------------------	---

I PARTE

VIDA E PERFIL ESPIRITUAL DE DOM JOÃO DE OLIVEIRA MATOS

1. Vida	13
2. Perfil Espiritual	27

II PARTE

OBRA FUNDADA POR DOM JOÃO DE OLIVEIRA MATOS

3. A Liga dos Servos de Jesus	41
4. As atuais casas da Liga dos Servos de Jesus	47
4.1 Casas da Liga dos Servos de Jesus	47
4.1.1 Casa de Santa Luzia – Guarda	47
4.1.2 Centro de Assistência Social – Guarda	48
4.1.3 Centro de Acolhimento S. João de Deus - Guarda	50
4.1.4 Abrigo Infantil da Sagrada Família – Sequeira	51
4.1.5 Outeiro de S. Miguel	51
4.1.6 Casa de Trabalho Jesus Maria e José – Rochoso	53

4.1.7	Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca – Cerdeira	54
4.1.8	Casa Cristo Rei – Ruvina	54
4.1.9	Lar D. Isabel Trigueiros – Fundão	55
4.1.10	Centro de Convívio Santo António – Orca	56
4.1.11	Abrigo dos Pequenininos N. Sra. Conceição – Covilhã	57
4.1.12	Centro de Convívio D. Maria de Lurdes Almeida – Alcaria	58
4.1.13	Casa de Cristo Rei – Manteigas	59
4.1.14	Da Casa de Nossa Senhora Rosário do Fátima – Fátima	60
4.1.15	Da Casa de S. Pedro – Buarcos	60
4.1.16	Do Patronato da Sagrada Família – S. Romão	61
4.1.17	Abrigo da Sagrada Família – Lagarinhos	62
4.1.18	Da Casa Dom João Oliveira Matos – Celorico da Beira	64
4.1.19	Centro de Espiritualidade D. João de Oliveira Matos – Kilenda – Angola	65
4.2	Casas diocesanas com a presença da Liga dos Servos de Jesus	69
4.2.1	Centro Apostólico Dom João de Oliveira Matos – Guarda	69
4.2.2	Paço Episcopal - Guarda	70
4.2.3	Seminário Maior – Guarda	70
4.2.4	Centro Cultural – Covilhã	71

5. O jornal “Amigo da Verdade”	73
---	-----------

III PARTE

OS DESAFIOS E O TRABALHO DOS LEIGOS

SEGUNDO DOM JOÃO DE OLIVEIRA MATOS

6. Desafios colocados hoje à Liga dos Servos de Jesus	79
--	-----------

7. Os leigos e a sua missão evangelizadora	89
---	-----------

Conclusão	95
------------------------	-----------

Bibliografia	99
---------------------------	-----------